



Universidade Federal Fluminense

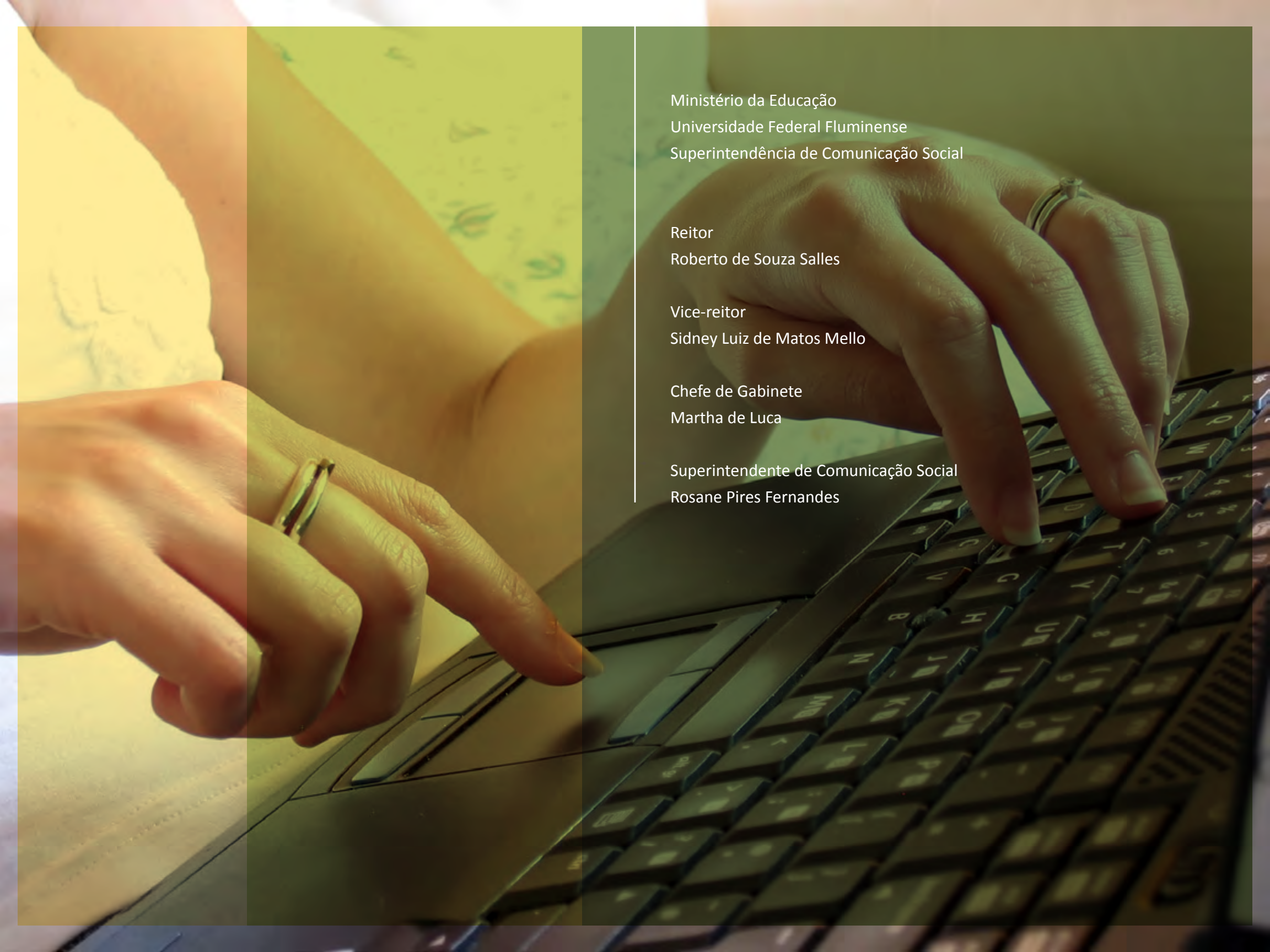


SUPERINTENDÊNCIA DE
COMUNICAÇÃO SOCIAL

Manual de Redação

da Superintendência de Comunicação Social
da Universidade Federal Fluminense

Sonia de Onofre



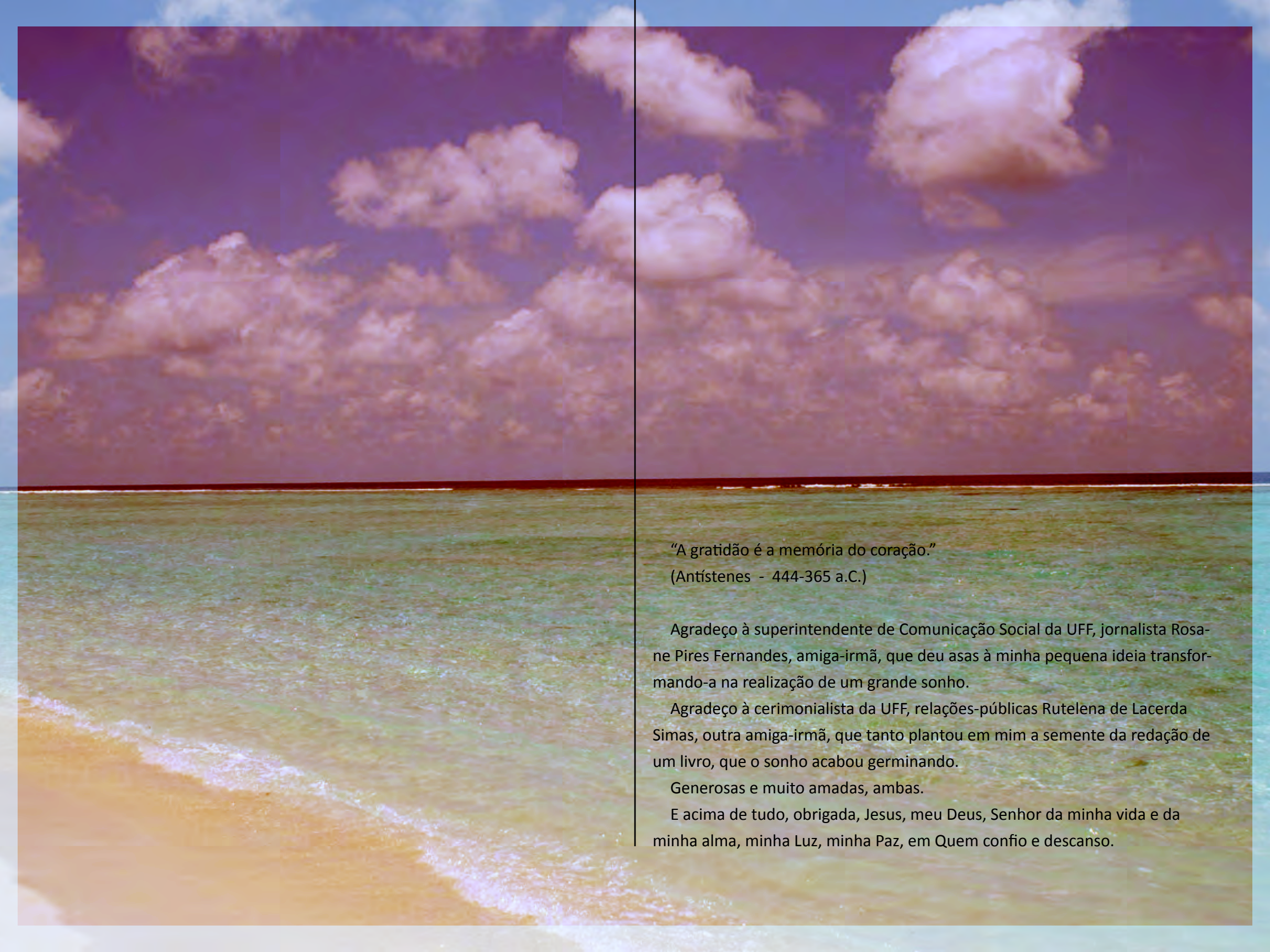
Ministério da Educação
Universidade Federal Fluminense
Superintendência de Comunicação Social

Reitor
Roberto de Souza Salles

Vice-reitor
Sidney Luiz de Matos Mello

Chefe de Gabinete
Martha de Luca

Superintendente de Comunicação Social
Rosane Pires Fernandes



“A gratidão é a memória do coração.”

(Antístenes - 444-365 a.C.)

Agradeço à superintendente de Comunicação Social da UFF, jornalista Rosane Pires Fernandes, amiga-irmã, que deu asas à minha pequena ideia transformando-a na realização de um grande sonho.

Agradeço à cerimonialista da UFF, relações-públicas Rutelena de Lacerda Simas, outra amiga-irmã, que tanto plantou em mim a semente da redação de um livro, que o sonho acabou germinando.

Generosas e muito amadas, ambas.

E acima de tudo, obrigada, Jesus, meu Deus, Senhor da minha vida e da minha alma, minha Luz, minha Paz, em Quem confio e descanso.

Com todo o meu amor e carinho, dedico este trabalho às duas a quem dei a vida e a quem dividiu isso comigo, àquela que me trouxe à vida e aos dois com quem compartilhei essa vida, um deles em doce e saudosa memória, e àquela que, por sangue e muito afeto, tem sido alma gêmea por toda a minha vida.

Muito obrigada por tudo.

ÍNDICE

Apresentação	6
O revisor, o copidesque e o redator	7
Como escrever para o site da UFF - Normas de redação	9
Escreva corretamente	15
Sinônimos não existem(?)	23
Gafes no jornalismo podem ser evitadas	28
Títulos surreais	29
Quando a língua é chicote e a redação, punhal	31
Lista de plurais	32
A arapuca dos clichês	34
Palavras difíceis, emoções conturbadas - Lista de algumas fobia	36
Referências bibliográficas	41

APRESENTAÇÃO

Os grandes jornais publicam manuais de redação com o objetivo de facilitar o ato de escrever de sua equipe de jornalistas, redatores e colunistas, além de dar uma “feição” às edições por meio da padronização dos textos.

Da mesma forma, a Superintendência de Comunicação Social (SCS) da Universidade Federal Fluminense desenvolveu este pequeno manual para servir de modelo aos servidores e estagiários da sua Divisão de Jornalismo, e da SCS de modo geral, a fim de que a produção dos textos publicados no site oficial da universidade e no Jornal da UFF seja padronizada.

Com essa uniformidade, a composição das matérias torna-se visualmente mais agradável, e a leitura, mais compreensível.

Isso apenas significa que utilizamos esse determinado padrão, e não que a opção não adotada esteja, obrigatoriamente, errada.

Elaborado de acordo com a nova ortografia da língua portuguesa, este manual elenca, como um pequeno guia, algumas regras básicas do português, especialmente úteis para todos aqueles que dele se utilizam como ferramenta de trabalho. Todavia, não é pretensão desta obra tratar de todas as regras gramaticais do nosso idioma. Para isso, existem excelentes gramáticas e manuais de redação que devem ser consultados sempre que necessário, sejam obras impressas ou disponíveis na internet. Aqui, focamos apenas exemplos mais comuns que servem de orientação e fundamento para aquilo que agora está estabelecido como a Redação Oficial da Superintendência de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense.

Também mostramos que gafes no jornalismo podem ser evitadas e reunimos um apanhado delas, em uma série de títulos e trechos de matérias. Apresentamos ainda uma lista de plurais mais comuns e um rol de clichês totalmente dispensáveis quando a seriedade no texto for o objetivo, além de uma

curiosa listagem que, mesmo não sendo este um tratado de psicologia, define as fobias que muitos sentimos – umas bem estranhas, outras inimagináveis – e que permitirá o conhecimento de palavras tão estranhas quanto inimagináveis, o que as torna ainda mais interessantes.

Este trabalho é simplesmente uma forma de declarar meu imenso amor à “última flor do Lácio”, a mais bela das belas línguas, língua única da saudade, às vezes, difícil, sim, mas exatamente por isso mais sedutora, mais instigante, mais atraente, convidando-nos a conhecê-la melhor, e cada vez mais, para tratá-la com o devido respeito que merece.

E então, se ainda não o fez, quando se dispuser a observá-la com atenção, a compreendê-la e aceitar suas regras e exceções, seus predicados, modos, períodos, regências, termos e raízes, coordenações e subordinações, significantes e significados, concordâncias e interjeições, sua oralidade, sua força e delicadeza, sua poesia e tudo quanto a torna assim tão especial, você também se apaixonará por ela. E ela lhe será fiel para sempre.

Sonia de Onofre

O REVISOR, O COPIDESQUE E O REDATOR

A figura do revisor nas redações de jornais está como o mico-leão-dourado na Mata Atlântica, isto é, em processo de extinção. Na Era da Informática, esse profissional é substituído por programas automáticos de computadores que corrigem erros gramaticais nas palavras digitadas, sublinhados em vermelho, e que não deixam de ter sua funcionalidade e praticidade inquestionáveis. Mas a perspicácia da visão humana é insubstituível nesse tipo de atividade.

Além do óbvio domínio da língua materna e da fundamental capacidade de atenção, de observação – como bem definem as expressões “olho clínico” e “olhos de lince” (animal conhecido pela sua acuidade visual) –, são características essenciais ao profissional da revisão a excelente cultura geral, o amplo discernimento nas mais diversas áreas do conhecimento, o critério, a boa memória, a rapidez de raciocínio, o bom senso. É como se fosse dotado de um radar que, em um texto, lhe permite detectar, de imediato – bem mais do que a maioria das pessoas –, uma vírgula que sobra, um ponto ausente, um dígrafo perdido, uma crase inexistente, um verbo inadequado, um cedilha errado, um equívoco histórico ou geográfico, uma informação incorreta ou distorcida e tantas outras falhas.

O revisor é revisor o tempo todo. É impossível ao especialista em revisão ler qualquer tipo de impresso sem que, automaticamente, o examine sob as lentes criteriosas da análise gramatical e do discurso. Deste modo, do simples folheto que lhe é entregue na rua à enciclopédia consultada, passando pela leitura de bulas e anúncios, terá sempre o foco corretor de possíveis erros ou a visão aprovadora de um texto perfeito.

Esse profissional, cujas atribuições se confundem com as do copidesque (do inglês copydesk), tem como função, como o próprio copidesque, processar uma espécie de “operação pente-fino” nos textos. Assim, cabe a ele aperfei-

çoá-los, formatando mudanças e fazendo as devidas correções na ortografia, na pontuação, na gramática.

O trabalho do copidesque implica em, por exemplo, reescrever um texto mal redigido, independentemente do fato de este estar escrito numa ortografia perfeita. A intervenção desse profissional, assim, deve ser mais abrangente ou mesmo radical, pois a redação, nesse caso, padece de falta de concatenação de ideias do autor – misturando princípio, meio e fim do texto –, com parágrafos mal-elaborados, sentenças soltas e/ou desprovidas de contextualização, cortes abruptos na redação do texto, dentre alguns problemas.

Espera-se do revisor o mínimo de alterações no texto. Quanto menos mexer, melhor. Somente o imprescindível deve ser mudado. Portanto, não é cabível que cometa inadequações como “trocar seis por meia dúzia” ou que altere qualquer coisa que não possa justificar a necessidade.

O revisor, antes de tudo, deve respeitar o estilo do redator. Não lhe cabe reescrever o texto porque não concorda com isto ou aquilo (na tentativa de emitir seu próprio conceito de valor), e que, evidentemente, trata-se de estilo autoral ou de concepções pessoais do redator. Tais características igualmente devem ser respeitadas pelo copidesque. O revisor não tem de “mostrar serviço” alterando aqui e ali trechos que não carecem de correção.

Da mesma forma, o redator não deve, por preguiça, deixar passar erro simplesmente porque o revisor “está aí para isso mesmo”, isto é, para corrigir aquilo que ele errou. É sua obrigação entregar ao profissional da revisão um material limpo, bem-feito, com ideias coordenadas, frases encadeadas. Em caso de dúvida, que ponha em prática aquilo que deve ser feito sempre: consultar um dicionário.

Passar ao revisor a tarefa de acertar aquilo que o redator deve ter consciên-

cia no ato de redigir demonstra desconhecimento e/ou imaturidade profissional, além de desrespeito a quem faz a revisão. E a parceria redator/revisor tem de ser sempre baseada em respeito recíproco, aliás, como em tudo na vida.

Assim, ao redigir, faça isso com primor, de forma amorosa, lidando com as palavras como quem toca uma flor e com a devida consideração ao idioma, para produzir um texto o mais perfeito possível e, antes de qualquer coisa, para sua própria satisfação como redator. Afinal, esse é o seu trabalho, e todos devem procurar ser bons em tudo que fazem.

Em textos jornalísticos, menos é sempre mais no que se refere à concisão da matéria. Busque a síntese, a objetividade, a fluidez, que podem ser conseguidas por meio de frases curtas (mas não telegráficas), e chegará ao equilíbrio. Lembre-se de que a menor distância entre dois pontos – aqui, o redator e o leitor – é uma reta. Assim, produzirá um texto direto, informativo, claro e limpo, ganhando em qualidade o leitor. A técnica da informação é basicamente isso.

Como ser humano, o revisor – que exerce uma atividade não tão fácil quanto a princípio se pode supor – também comete falhas, o que chamamos de “comer mosca”. Mas, às vezes, o erro é tão evidente, tão gritante, que pessoalmente o defino como “comer pterodáctilo”. Entretanto, em ambos os casos, deve-se evitar ao máximo a indigestão, seja insetívora, seja dinossáurica, e sempre primar pela atenção no trabalho. O escritor Monteiro Lobato, que também foi revisor, costumava dizer da dificuldade nessa função quando, após revisão que ele imaginava criteriosa e uma vez impresso o texto, eis que erros pulavam como sacis no rosto dele, assombrando-o.

Aos estagiários, lembramos que devem ter em mente que, em todos os sentidos, sua passagem pela Superintendência de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense representa uma etapa em seu processo de aprendizagem, ao longo de sua vida profissional. Esta pode até começar aqui, mas, naturalmente, não termina na SCS, e tudo que aprenderem servirá como bagagem futura. Também temos, em contrapartida, o privilégio de lidar com

jovens que igualmente têm muito o que ensinar. E essa constante troca de conhecimento que se efetua na SCS, decorrente do respeito e bom entrosamento entre juventude e maturidade, serve para ilustrar que a ideia preconcebida de conflito de gerações precisa, com urgência, ser revisada. Com trocadilho, por favor.

Boa redação!



COMO ESCREVER PARA O SITE DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE – NORMAS DE REDAÇÃO

A mais importante característica de um bom jornalista é seu compromisso com a ética, com a verdade. Antes de redigir a matéria, apure com rigor todos os fatos, nomes, sobrenomes, cargos. Por maior que seja a pressa, leia o texto depois de finalizá-lo e corrija o que for necessário. Antes de uma entrevista, informe-se sobre o tema e a pessoa que será entrevistada. Não coloque palavras na boca do entrevistado. Não distorça o que ele disse. Não pergunte o óbvio. Empene-se firmemente em jamais ter de se retratar. Procure sempre o equilíbrio em suas ações e faça o possível para jamais perder sua razão. Use o gravador, a sua melhor garantia, em especial se for uma entrevista pingue-pongue, longa, técnica ou muito detalhada; mesmo assim, faça anotações. Respeite a inteligência do leitor. Seja o mais isento possível, se seu trabalho não for opinativo. Seja criativo, mas não reinvente a roda; curioso, mas não invasivo; perseverante, mas não inconveniente; paciente, mas não lerdo; criterioso, mas não discriminador; sensato, mas não rígido; bem-humorado, mas não esfuziante. E, principalmente, confie em você mesmo.

- **A estrutura do lead: Siga sempre suas regras, respondendo às clássicas perguntas: O quê?, Quem?, Quando?, Onde?, Como?, Por quê?**

- Uma vez constituído o lead, escreva os textos em parágrafos curtos para “arejar” a diagramação. Caso contrário, quando disponibilizados na configuração do site, os parágrafos acabam formando blocos muito grandes, o que torna as matérias visualmente mais compactas, pesando a leitura.

- A palavra “matéria” é jargão jornalístico, por isso é usada livremente neste manual. Normalmente, use a palavra “reportagem”.
- Acidentes geográficos iniciam-se com maiúscula (“Baía de Guanabara” – e não “Baía da Guanabara”, “Estreito de Gibraltar”, “Golfo Pérsico”, “Ilha Grande”, “Lagoa de Araruama”, “Mar Mediterrâneo”, “Monte Everest”, “Oceano Atlântico”, “Rio Amazonas”, “Serra do Mar”).
- Artigos definidos e indefinidos: Evite começar todos os parágrafos com artigos definidos. Também em títulos, como “UFF promove (o) primeiro congresso de informática do estado”, ou em textos, como “O professor esperava (um) melhor entrosamento entre os alunos”, a omissão de artigos será bem-vinda, sempre que der mais fluidez à redação.
- Aspa simples (‘): É usada em títulos (‘Um Dia sem Fumar’ é tema de campanha na UFF contra o tabagismo) ou quando se deseja assinalar uma frase ou expressão que já esteja entre aspas (O candidato advertiu: “É preciso acabar com a ideia do ‘já ganhou’ nestas eleições”). Ainda em títulos, deve ser usada também quando se tratar da utilização de palavras em idiomas estrangeiros (Cientistas debatem ‘Big Bang’ no Instituto de Física da UFF).
- Aspas: Use aspas em palavras estrangeiras, e não itálico.

- **Aspas e sinais de pontuação:** Quando a frase estiver inteiramente entre aspas, o ponto final, de exclamação ou de interrogação será abrangido por ela (“Rir é o melhor remédio.”; “Bom dia!”; “Quem saiu da sala de aula?”) Em casos contrários, os sinais de pontuação virão após as segundas aspas (De acordo com a professora, “os estudantes tiveram excelentes notas”). Com dois pontos, o ponto final virá antes das aspas (O diretor da faculdade afirmou: “A prova começará pontualmente no horário marcado.”).
- **Campus:** Escreva sem aportuguesamento e sem aspas (plural: “campi”, com aspas).
- **Cargos e profissões:** São escritos em caixa baixa (reitor, vice-reitor, pró-reitor, professor, almirante, ministro, presidente); já instituições, órgãos, entidades devem aparecer em caixa alta (Reitoria, Presidência, Ministério). Cite primeiramente os cargos, depois os nomes próprios (“O coordenador do evento, Manuel Santos”, e não “Manuel Santos, coordenador do evento”; “A presidente da comissão organizadora do seminário, professora Joana Pereira”, e não “A professora Joana Pereira, presidente da comissão organizadora do seminário”).
- **Créditos de fotos:** Vêm à direita da foto, horizontalmente, na parte superior, ou ainda, verticalmente, do lado direito, em cima ou em baixo. Quando for uma única foto, dê o crédito somente com o nome do fotógrafo. A partir de duas fotos, o crédito virá à direita da primeira foto, na parte superior, da seguinte forma – Fotos: João da Silva. Quando se tratar de foto disponibilizada pela fonte, sem identificação do fotógrafo, o crédito virá como “Divulgação”. Caso seja copiada de algum lugar, sem identificação do fotógrafo, o crédito virá como “Reprodução”.
- **Em datas comemorativas de aniversário de nascimento de alguém que já morreu, não escreva, por exemplo, “O compositor João da Silva completaria 111 anos neste sábado”, e muito menos a matusalênica forma de “O arquiteto Pedro de Sousa faria 200 anos em abril” ou “Neste ano, o cientista Roberto Pereira faria 145 anos”. Nesses casos, pressupõe-se a possibilidade de que eles vivessem tanto tempo, mas, mesmo atualmente, com toda a tecnologia médica a favor da longevidade, a partir de 105 anos, em média, despenca a expectativa de vida dos seres humanos. Portanto, escreva “O compositor João da Silva nasceu há 111 anos”; “Em abril, comemora-se o bicentenário de nascimento do arquiteto Pedro de Sousa”; “Há 145 anos, nascia o cientista Roberto Pereira.”**
- **Em títulos, dose o uso de vírgulas e jamais use ponto final.**
- **Endereços:** São escritos com caixa alta e baixa (“Avenida Brasil”, “Beco das Garrafas”, “Estrada dos Bandeirantes”, “Largo do Boticário”, “Praça Arariboia”, “Praia João Caetano”, “Rodovia Amaral Peixoto”, “Rua Miguel de Frias”, “Travessa João Pereira”, “Via Dutra”). Não abrevie palavras como “Av. Princesa Isabel”, “Dr.”, em “Rua Dr. Celestino”, “Trav. José Dutra”, mas escreva por extenso “Avenida Princesa Isabel”, “Rua Doutor Celestino”, “Travessa José Dutra.”
- **Entrevista pingue-pongue:** As perguntas sempre aparecerão em **negrito (bold)** e *itálico* com o nome Site da UFF. As respostas, sem **negrito** e sem *itálico*, terão o nome do entrevistado (sem **negrito** e em *itálico*) – use sempre o tratamento “senhor” e “senhora” – da seguinte maneira:

Site da UFF: O que o senhor acha da educação atual no país?

Pedro Martins: Precisamos investir muito ainda no ensino fundamental e médio, base para o ensino superior de excelência.

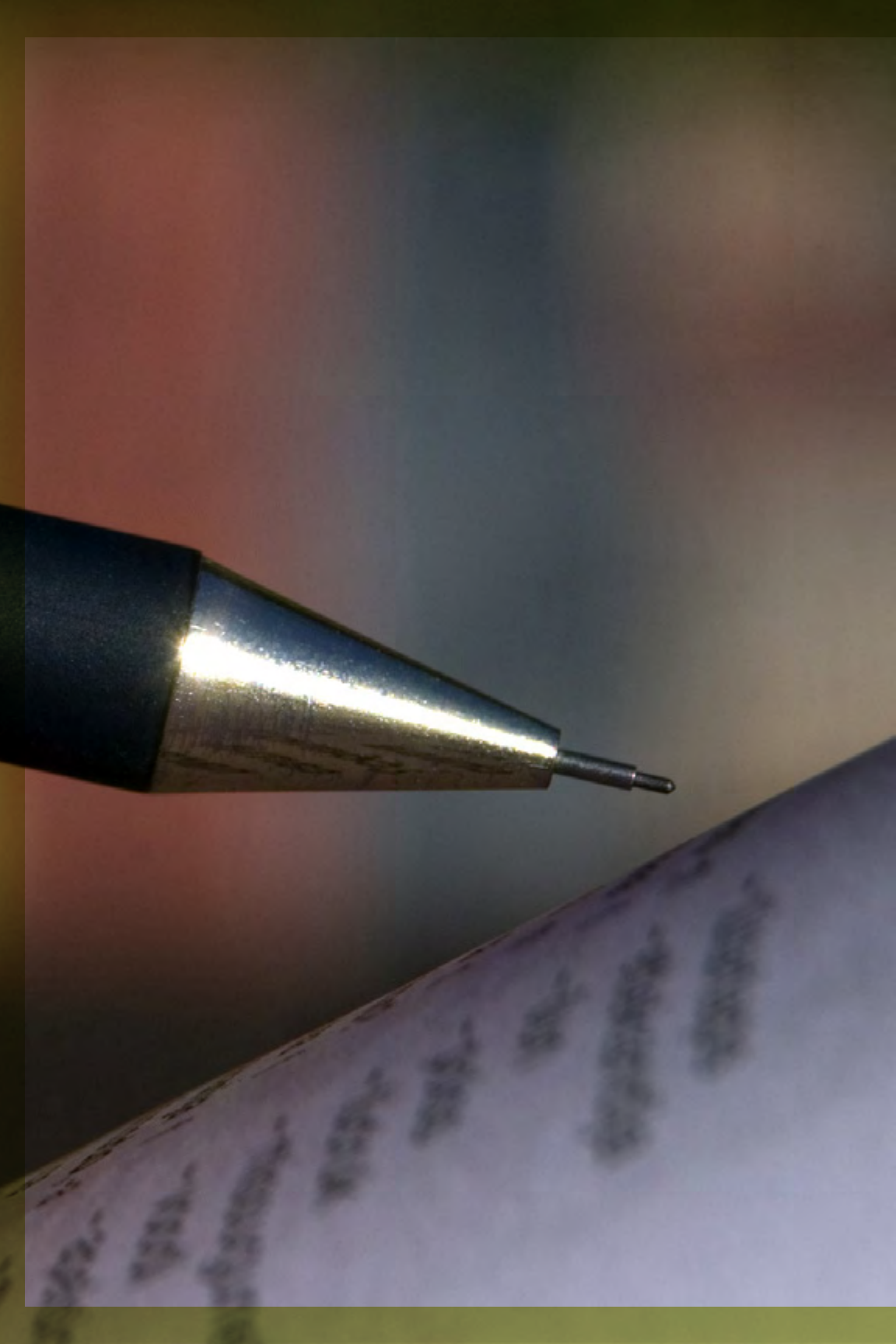
- Escreva “O seminário começa nesta terça-feira, 2 de janeiro”, e não “O seminário começa nesta terça-feira, dia 2 de janeiro”. Não escreva “O seminário começou ontem”, nem “O seminário começa hoje”, nem “O seminário começará amanhã”; mencione apenas o dia da semana. Escreva “O seminário começa nesta terça-feira”, e não “O seminário começa na próxima terça-feira”. Escreva “O seminário começou nesse domingo”, e não “O seminário começou no domingo passado”.
- Evite frases e parágrafos longos, gírias, eufemismos, jargões, narizes de cera, termos rebuscados, coloquiais ou que tenham conotação preconceituosa ou discriminatória (judiar, denegrir).
- Evite o uso de abreviaturas (abreviaturas iniciam-se com letra maiúscula como Dr., Dra., Prof., Profa.). Jamais escreva Dr^o, Dr^a, Prof^o, Prof^a.
- Evite, ao máximo, o uso de adjetivos.
- Datas em títulos: Evite datar eventos em títulos, a menos que haja importância real nesse tipo de destaque.
- Faça título em todos os releases e matérias.
- Gerúndio: Descarte definitivamente a praga do uso indiscriminado e quase sempre inadequado do gerúndio (“Estarei podendo fazer a prova no dia 10”; “Ela vai estar colaborando pela causa dos desabrigados”; “Vou estar preparando a prova”; “Você pode estar sendo filmado”; “Vamos estar transferindo sua ligação”; “O livro vai estar sendo escrito em duas semanas”).
- Horário: “12h”, e não “12 horas” (mas “O trabalho levou 12 horas para ser concluído”; “Dentro de 24 horas sairá o resultado das provas”); “12h15”, e não “12h15min”. “Às 12h” (com crase). “Das” 12h às 14h, e não “de” 12h às 14h.
- Idade: Escreva “Ele tem 9 anos”; “Ela completou 7 anos e 3 meses”; “Eles têm 8 anos, mas há três não veem os avós”. Escreva “crianças até 4 anos”, e não “crianças de zero a 4 anos”. Não se diz que uma criança tem “zero ano” de idade.
- Legenda e texto-legenda não têm ponto final.
- Moedas: Escreva R\$ 1, R\$ 10, R\$ 12,50, R\$ 20 mil, R\$ 2,5 milhões, R\$ 50 bilhões, R\$ 1 bilhão, US\$ 10, US\$ 2,6 mil, e por extenso: 500 euros, 367 libras esterlinas, 850 pesos argentinos.
- Não escreva “o Dr. José da Silva”, mas “o médico José da Silva.” Porém “Ele é doutor em jornalismo”.
- Não faça subtítulos.
- Não use negrito (bold) dentro do texto.
- Não use ponto de exclamação nem mesmo em citações.

- Nomes e sobrenomes: Ao citar alguém pela primeira vez, jamais o identifique somente pelo primeiro nome ou apenas pelo sobrenome. Todo mundo foi registrado com ambos. E ninguém gosta de ver seu nome escrito de forma errada, portanto, certifique-se da grafia correta de todos os nomes e sobrenomes de entrevistados e pessoas citadas na matéria. Quando mencionar alguém pela segunda vez no texto, se for homem, pode-se apenas citar o sobrenome (se houver “Filho” ou “Júnior”, inclua-os na citação – “Pereira Filho” ou “Guimarães Júnior” –, e no caso de “Júnior”, não abrevie para “Jr.”). Se for mulher, deve-se usar o primeiro nome, a menos que seja personalidade internacionalmente conhecida (Angela Merkel, Margaret Thatcher, Michelle Bachelet), quando então poderá ser citado apenas o sobrenome.
- Nomes de estados vêm em caixa alta e baixa: Estado do Rio de Janeiro, Estado do Rio Grande do Sul, Estado do Acre. Ao mencionar novamente a palavra “estado”, coloque-a em caixa baixa. Se a referência for ao Estado como país, escreva-a em caixa alta.
- Nomes de jornais, revistas, filmes, peças de teatro, programas de TV, shows, novelas vêm entre aspas (“O Globo”, “Exame”, “Cisne Negro”, “Vestido de Noiva”, “Globo Repórter”, “Roque Santeiro”).
- Nomes de políticos na ativa devem ser precedidos do cargo, seguidos de seus respectivos partidos, entre parênteses, como “O deputado federal João Pereira (PPP) foi condenado por corrupção, mas está em liberdade”.
- Nomes de unidades, departamentos e demais setores da UFF ou de outras instituições são escritos em caixa alta e baixa (“Reitoria”, “Divisão de Jornalismo da Superintendência de Comunicação Social”, “Pró-Reitoria

de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação”, “Departamento de História”, “Coordenação de Biblioteconomia e Documentação”, “Instituto de Letras”, “Faculdade de Medicina”, “Assessoria de Gás e Energia da Petrobras”, “Gerência de Finanças da Fundação Vale do Rio Doce de Seguridade Social”).

- Números: Escreva por extenso até dez (“zero”, “um”, “dois”, “três”, “quatro”, “cinco”, “seis”, “sete”, “oito”, “nove”, “dez”). A partir daí, em cardinais (“11”, “12”, “13”...), e “cem”, “200”, “400”, “mil”. Com mil, milhão, bilhão e trilhão, escreva “2 mil”, “3 milhões”, “4 bilhões” e “5 trilhões”. Não inicie frases com numerais (“9 pessoas receberam o prêmio”, mas “Nove pessoas receberam o prêmio”; “200 anos se passaram até o tombamento do prédio”, mas “Duzentos anos se passaram até o tombamento do prédio”), nem títulos (“2010 foi ano de muitas enchentes”, mas “Dois mil e dez foi ano de muitas enchentes”), a menos que seja título de alguma obra (“5 x Favela”, “2012”, “1968 – O ano que não terminou”).
- Números de telefones da UFF são escritos com o prefixo: “2629-5000, 2629-9000”, e não apenas os ramais “5000”, “9000”. Números da Região Metropolitana do Rio de Janeiro não vêm com o código de área (21), mas os demais, sim, como “(24) 2234-5678”.
- Números ordinais: Até 10, escreva “primeiro”, “segundo”, “terceiro”, “quarto”, “quinto”, “sexto”, “sétimo”, “oitavo”, “nono”, “décimo”. A partir do 11º, escreva “38º Congresso Brasileiro de Humorismo”, e não “XXXVIII Congresso Brasileiro de Humorismo”; “11º Seminário Internacional de Medicina Pediátrica”, e não “XI Seminário Internacional de Medicina Pediátrica”. No caso de eventos que aparecem no original com números romanos, escreva sempre em ordinais (“1º Workshop de Artes Plásticas”, e não “I Workshop de Artes Plásticas”).

- Números romanos: “Século XXI”, “imperador Pedro II”, “papa João XXIII”, “Praça XV”.
- Originais para divulgação: Os originais enviados pelos diversos setores da UFF à SCS, para divulgação, servem tão somente como fonte e deverão ser reescritos como textos jornalísticos, adaptados à padronização dos textos para o site e para a mídia.
- Os textos e os títulos devem sempre ser redigidos na fonte “Times New Roman”, tamanho 14, sem justificar, margeados à esquerda. Os títulos devem ser em negrito (bold), em caixa alta e baixa (UFF promove seminário sobre ecologia durante Semana Acadêmica).
- “Outras informações”, e não “mais informações”, nem “maiores informações” ou “melhores informações”.
- Pessoas “possuem” ou “têm” algo. Já instituições ou coisas “têm” algo. Portanto, escreva “Maria possui um apartamento na praia”; “João e Pedro têm carros iguais”. E “A UFF tem vários cursos na área tecnológica”; “Hospitais universitários já têm mais leitos disponíveis”.
- Porcentagem: “O salário dos técnico-administrativos das Ifes subirá 100%”; “A inflação baixou até 0,5%”; “A taxa de desemprego no país caiu 3% neste mês”.
- Se houver algum anexo (gráficos, programações, cartazes, capas de livros e outras ilustrações) em matéria a ser publicada no site, escreva, ao término, “Veja a programação na íntegra”, ou algo parecido, para chamar a atenção do leitor para o link que será feito pela Divisão de Comunicação Eletrônica quando disponibilizar o texto no site.
- Siglas: Até três letras, sempre em caixa alta (UFF, SCS, CSN, PUC, NET). Quatro letras ou mais, sem formar palavra, sempre em caixa alta (UFRJ, IBGE, UFRRJ, BNDES). Quatro letras ou mais, formando palavra, sempre em caixa alta e baixa (Proaes, Proex, Progepe, Prograd, Proplan, Proppi, Eduff, Ceim, Petrobras, Embrapa, Detran). Cite primeiramente o nome por extenso da instituição ou órgão e depois a sigla, sempre entre parênteses, como “Universidade Federal Fluminense (UFF)”; “Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT)”.
- Stricto sensu e lato sensu, e não “strictu senso” e “latu senso”.
- Títulos de jornais, revistas, filmes, peças de teatro, programas de TV, shows, novelas vêm em caixa alta e baixa, mas de livros, somente a primeira em maiúscula (“A civilização feudal”; “O nascimento do purgatório”; “Manual de redação da Superintendência de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense”), a não ser em casos como “O Morro dos Ventos Uivantes” (esse é o nome do morro).
- Use o ponto sem receio (quanto mais vírgulas no texto, maior a necessidade de ponto), porque é um recurso para tornar o texto mais claro e compreensível.

- 
- Verbos mais indicados para o uso em citações (desde que expressem exatamente as citações), dentre outros, são “acentuar”, “achar”, “acreditar”, “acrescentar”, “admitir”, “afirmar”, “alegar”, “analisar”, “assegurar”, “avaliar”, “complementar”, “completar”, “concluir”, “definir”, “destacar”, “dizer”, “esclarecer”, “explicar”, “finalizar”, “frisar”, “garantir”, “informar”, “lamentar”, “lembrar”, “observar”, “opinar”, “ressaltar”, “resumir”, “salientar”. Pense sempre no sentido literal (ou irônico, ou provocativo) de determinados verbos, como “disparar”, “sugerir”, “contar”, “narrar”, “declarar”. Assim, cuidado ao utilizá-los.
 - Verbos que admitem dois participípios: use “ser” e “estar” em “A carta foi entregue”; “O homem estava salvo do incêndio”, e “ter” e “haver” em “O carteiro tinha entregado a carta”; “O bombeiro havia salvado o homem do incêndio”.
 - Verbos usados em citações vêm no pretérito e não no presente, como “A UFF é pioneira no curso”, explicou a professora; “A proposta do projeto foi dos próprios alunos”, afirmou.

ESCREVA CORRETAMENTE

- “Acnéico”, e não “acneico”.
- “À custa de”, e não “às custas de”.
- “Aficionado”, e não “aficcionado”.
- “Afim” e “a fim de”: “Afim” dá ideia de “semelhante” ou “parente por afinidade” (“Ambos têm interesses afins”; “Ela é minha tia afim”). “A fim de” equivale a “para” (“A aluna estudou bastante a fim de passar no vestibular”).
- “Agravante”: Palavra feminina.
- “À medida que” e “na medida em que”: “À medida que” (e não “à medida em que”) significa “à proporção que”, “ao mesmo tempo que”, “conforme” (“As mortes aumentam à medida que a epidemia de dengue se alastra”; “À medida que subia na empresa, tornava-se mais autoritária”). “Na medida em que” corresponde a “tendo em vista que” (“É preciso cumprir as leis, na medida em que são necessárias para garantia da ordem”).
- “A meu ver”, e não “ao meu ver”.
- “Aneurisma”: Palavra masculina.
- “Ao encontro de” e “de encontro a”: “Ao encontro de” é situação favorável, concordante (“A sua opinião veio ao encontro da minha”). “De encontro a” equivale a choque, discordância, oposição (“O carro veio de encontro ao poste”).
- “Aonde” e “onde”: “Aonde” (a+onde) dá ideia de movimento, de deslocamento (“Aonde você vai, eu não vou”; “Você pretende chegar aonde sem sapatos?; “Você está me levando aonde?”). “Onde” indica estagnação, permanência, falta de movimento (“Você viu onde está minha caneta?; “Eu encontrei o livro onde o deixei”; “Onde você mora?”).
- “Ao nível de” (apenas quando significar “à mesma altura”: “Ao nível do mar”) ou “em nível de”, e não “a nível de”.
- “A par”, e não “ao par”.
- “A ponto de”, e não “ao ponto de”.
- “A princípio” e “em princípio”: “A princípio” significa “inicialmente”, “primeiramente”, “de início”, “em primeiro lugar” (“A princípio, pensei que a entrada fosse gratuita, mas depois soube que era paga”). Já “em princípio” quer dizer “em tese”, “por princípio”, “teoricamente”, “de modo geral” (“Sou favorável à prisão perpétua, mas, em princípio, sou contra a pena de morte”).
- “Área do conhecimento”, e não “área de conhecimento”.

- “Ascendência” e “descendência”: Com referência à família, escreva “Meu pai e minha mãe são meus ascendentes”; “Minhas filhas são minhas descendentes”; “Nisseis são descendentes de japoneses que vieram para o Brasil e honram seus ascendentes que ficaram no Japão”; “Eu descendo de italianos, portugueses e suíços”.
- “Atender”: Regência direta quando se tratar de pessoas (“O médico atendeu o paciente”; “Os docentes atenderão os alunos”). Para coisas, a regência é indireta (“Ele atendeu à porta e ao telefone”; “O bom filho atende aos conselhos dos pais”).
- “Atenuante”: Palavra feminina.
- “Através”: Use só quando a ideia for realmente de algo que atravessa, percorre ou perpassa alguma coisa ou alguém (“A luz passava através da janela”; “Ela correu através dos campos”; “Aquela lenda se mantém através dos séculos”; “A bala do revólver atingiu o homem depois de passar através do biombo”). Nos demais casos escreva “por meio de”, “por intermédio de”, “por”, “pelo”, “pela” (“A mudança de trabalho ocorreu por meio da conscientização de todos”; “Para os protestantes, e segundo a Bíblia, a salvação se dá unicamente por intermédio de Jesus Cristo”; “O ofício foi entregue pelo mensageiro”).
- “Aura”, “áurea”, “auréola” e “aréola”: “Aura” é fama, brisa, aragem, vento leve. “Áurea” significa “dourada”, “magnífica”, “excelente”. “Auréola” quer dizer “resplendor”, “halo”, luz circular que aparece em torno de objetos ou, em obras de arte, ao redor da cabeça de santos. “Aréola” é o círculo luminoso que rodeia a Lua, círculo de cor rósea ou amarronzada que rodeia o mamilo, círculo que rodeia pontos inflamados na pele ou canteiro para flores.
- “Avestruz”: Palavra masculina.
- “Bem-vindo”, e não “Benvindo, que é nome de pessoa.
- “Beneficente” e “beneficência”, e não “beneficiente” e “beneficiência”.
- “Cacófato”: Vício de linguagem que se constitui no encontro de sílabas, no fim de uma palavra e no início da seguinte, formando som desagradável ou palavra obscena (“acabou-se tudo”, “a rota”, “amo ela”, “boca dela”, “como ela”, “conforme já”, “Cooper feito”, “Cuba lançou”, “culpa nela”, “ela tinha”, “essa caneta”, “essa fada”, “Eva e Adão”, “fé dela”, “fé dele”, “fé de mais”, “fé de menos”, “havia dado”, “já nela”, “já que tinha”, “mesma mão”, “vez passada”, “nunca ganha”, “nunca nisso”, “paraninfo da”, “polêmica gay”, “por cada”, “por razões”, “prima minha”, “socar alho”, “triunfo da”, “triunfo de”, “UFF deu”, “uma herdeira”, “uma má”, “uma mão”, “vi ela”, “vou-me já”).
- “Cataclismo”, e não “cataclisma”.
- “Cateter”, “ureter”, “condor”, “Nobel”, “Eiffel” (tônica na última sílaba).
- “Chamar a atenção” de alguém, e não “chamar atenção”.
- “Champanhe”: Palavra masculina.
- “Chegar”: Alguém chega a algum lugar, e não em algum lugar (“Cheguei ao prédio”; “A jovem chegou à Praia de Icarai”, e não “Cheguei no prédio”; “A jovem chegou na Praia de Icarai”).

- “Círio”: Vela. “Sírio” é quem nasce na Síria.
- “Cóccix” (último osso da coluna vertebral): pronuncia-se “cócsis”. Plural invariável.
- “Comemoração de”, e não “comemoração a” (“A festividade foi uma comemoração dos 50 anos da UFF”; “Em comemoração do centenário de fundação da cidade foi promovido um baile”).
- “Crase”: É a junção da preposição “a” com o artigo definido “a”. A seguir, alguns exemplos de sua ocorrência, não ocorrência e uso facultativo. Ocorre nestes exemplos: “A jovem foi à piscina de manhã”; “O bebê nasceu à meia-noite”; “O livro foi entregue à professora.”
- A crase não ocorre em alguns casos, como antes de verbos no infinitivo (“Ela começou a chorar de emoção”); antes do artigo indefinido “uma” (“Ele foi a uma reunião de trabalho”), mas use-a quando se referir a horário (“Ele só conseguiu dormir à uma hora da madrugada”); antes de substantivos no plural (“O professor referiu-se a alunas da pós-graduação”); antes de números cardinais (“Ele vai se encontrar comigo daqui a trinta minutos”); antes de nomes próprios de mulheres famosas (“Você se refere a Angela Merkel?”); antes da palavra “casa” quando esta não estiver especificada ou for a própria (“Ela voltou a casa”); antes de substantivos repetitivos (“cara a cara”, “dia a dia”, “face a face”, frente a frente”, “gota a gota”). Seu uso é facultativo antes de pronomes possessivos (“Com relação à/a sua prova, acho que será bem difícil”); antes de nomes de mulheres que não são famosas (“Quando você vai contar à/a Maria aquele segredo?”); antes de “até” (“A reunião deve durar até à/a noite”).
- “Curinga”, e não “coringa”.
- “Dar à luz”, não “dar a luz a” (“Maria deu à luz uma menina”; “A jovem deu à luz trigêmeos”), e não “Maria deu a luz a uma menina”; “A jovem deu a luz a trigêmeos”).
- “Defronte de”, e não “defronte a”.
- “Demais” e “de mais”: “Demais” significa algo “em demasia”, “muito” (“Beber demais faz mal à saúde”; “Estou cansada demais para ir ao cinema”). “De mais” quer dizer algo “a mais”, e contrapõe-se a “de menos” (“Quando se é jovem, usar minissaia não tem nada de mais”; “Não há nada de mais, nem de menos, assoviar no meio da rua”).
- “Dentre” e “entre”: A ideia de “dentre” é de algo ou alguém que é retirado do meio de alguma coisa ou pessoas, que se destaca do todo (“Prefiro a manga, dentre todas as frutas”; “Dentre as alunas, ela é a melhor”; “Participaram do evento vários ministros e governadores, dentre outras autoridades”). “Entre” dá ideia de algo ou alguém que está no meio, no centro (“João sentou-se entre Maria e José”; “Entre mim e você existe amizade”).
- “Despercebido” e “desapercebido”: “Despercebido” é o que não é visto, que não chama a atenção, que se perde de outros. “Desapercebida” é a pessoa desatenta, distraída, desprevenida, aquela que não nota, não percebe o que diz ou o que se passa em torno.
- “Dignitário”, e não “dignatário”.

- “Disenteria”, e não “desinteria”.
- “Diurno” e “diuturno”: “Diurno”, antônimo de “noturno”, é aquilo que ocorre no espaço de um dia. “Diuturno” é o que dura muito tempo, que tem longa duração (“A vida é uma luta diuturna”).
- “Dó” (pena ou nota musical): Palavra masculina (“Senti muito dó ao ver a criança abandonada”; “Maria deu um dó ao violão”).
- “Ele é deputado por São Paulo”; “Ela é deputada pelo Rio de Janeiro”, e não “Ele é deputado de São Paulo”; “Ela é deputada do Rio de Janeiro”.
- “Ele havia chegado”, e não “Ele havia chego”. O verbo chegar não admite dois participípios.
- “Em pé” e “de pé”: Ambas as expressões estão corretas.
- “Enquanto”: Conjunção que só deve ser usada em casos como estes: “Enquanto esperava o ônibus, começou a chover”; “Não vou visitá-lo enquanto você não for lá em casa.” Não a use nos seguintes exemplos: “João, enquanto médico, é muito competente”; “Enquanto seres humanos, somos imperfeitos”; “A responsabilidade é dela, enquanto chefe do setor.” Em tais casos, use a conjunção “como” (“João, como médico, é muito competente”; “Como seres humanos, somos imperfeitos”; “A responsabilidade é dela, como chefe do setor”).
- “Entregar em domicílio”, e não “entregar a domicílio”.
- “Entre mim e você” ou “entre João e mim”, e não “entre eu e você” nem “entre João e eu”.
- “Esposa” é feminino de “esposo”; “marido” é masculino de “mulher”.
- “Esquete”: Palavra masculina (do inglês sketch, significa “peça de curta duração”).
- “Estada” e “estadia”: O primeiro termo refere-se a pessoas e animais que permanecem em algum local (“Nossa estada no Canadá teve momentos inesquecíveis”, “O cachorro foi maltratado durante sua estada naquele canil”). “Estadia” é usada para carros, navios, aviões e demais veículos (“O carro teve estadia negada no estacionamento do shopping”, “A estadia do Splendor of the Seas no Porto do Rio foi curta”; “Por causa da estadia demorada no hangar, o avião apresentou defeitos”).
- “Este”, “esse”, “neste”, “nesse”, “isto” e “isso”: Pronomes que geram muita confusão na hora de aplicá-los. Uma fórmula para seu bom uso é a seguinte: “Este aqui, esse aí (aquele lá)”. Use “este” para o que está perto, “esse” para o que está longe (e “aquele” para o que está ainda mais distante). Portanto, “este ano (2011)”, “esse ano (2010)”. Use “este” quando, a seguir, vier uma explicação ou informação (“O problema é este: os juros continuam subindo”). Use “este” em “O Brasil tem o clima tropical. Este é mesmo um país muito quente”. Use “neste (em + este)” em “O dólar subiu muito neste ano”, e não “O dólar subiu muito este ano”. Use “esse” em “O Canadá localiza-se em uma região mais temperada. Esse país é bem frio”. Essas regras valem também para “isto” e “isso”.
- “Esterno” e “externo”: “Esterno” é o osso dianteiro do peito. “Externo” é

o lado de fora, exterior, oposto a “interno”.

- “Féretro” é o caixão, não o enterro.
- “Genitor” é o pai. “Progenitor” é o avô.
- “Grosso modo”, e não “a grosso modo”.
- “Handicape” (do inglês handicap): Significa “desvantagem”, e não o contrário (“O Fluminense venceu o jogo, mesmo com o handicape de dois jogadores a menos”).
- “Herpes”: Palavra masculina.
- “Hindu” é o adepto do hinduísmo. “Indiano” é o natural da Índia ou relativo ao país.
- “Ibero-americano”, e não “íbero-americano”.
- “Igreja”: Em caixa alta quando se tratar da instituição (“A Igreja defende causas sociais”; “A Igreja Protestante”; “A Igreja Católica Ortodoxa”; “A Igreja Batista”; “A Igreja Católica Apostólica Romana”) ou se referir a uma especificamente (“Igreja de São Paulo”; “Igreja da Candelária”; “Igreja Metodista de Icarai”). Se for referente ao templo, use caixa baixa (“Aquele igreja é histórica”; “A igreja é pintada de azul e branco”).
- “Inapto” e “inepto”: “Inapto” é aquele que não tem habilidade, capacidade, competência, que não está apto a exercer determinada função. “Inepto” é o indivíduo idiota, estúpido, mentalmente limitado. A propósito,

“estúpida” não é, como se vê, a pessoa grosseira, rude, mas aquela que tem a sanidade mental abalada.

- . “Independentemente” e “independente”: Use o advérbio “independentemente” em casos como “As pessoas, independentemente da ressaca, mergulharam no mar”; “Independentemente da decisão do júri, a população já condenou os acusados”. Não use o adjetivo “independente” nos mesmos exemplos: “As pessoas, independente da ressaca, mergulharam no mar”; “Independente da decisão do júri, a população já condenou os acusados”). Use o adjetivo em “A jovem é independente do pai”; “Desde 1822, o Brasil é independente de Portugal”.
- “Ínterim”, e não “interim”.
- “Junto a”: Vício de linguagem muito comum, essa expressão tomou conta de redações de jornais, assessorias de imprensa, revistas e demais impressos, descaracterizou-se de seu real significado (que quer dizer “ao lado de”, “perto de”, “próximo de”) e incorporou-se ao texto jornalístico, passando a ser usada indistintamente. Assim, não é correto dizer que alguém está trabalhando “junto a” uma instituição, que são mantidos convênios ou parcerias “junto a” entidades, que solicitam-se providências “junto a” um setor. Mas, sim, trabalha-se “em” uma instituição, são mantidos convênios ou parcerias “com” entidades, solicitam-se providências “ao” setor.
- “Macérrimo” ou “magríssimo”, preferencialmente, e não “magérrimo”.
- “Maquinaria”, e não “maquinária”. Mas escreva “maquinário”.

- “Megassena”, e não “Mega-Sena”, nem “Mega Sena” (escrita assim pode até pagar milhões, mas é zero em ortografia).
- “Milhar”: Palavra masculina.
- “Muçulmano”, e não “mulçumano”.
- “Namorar” é verbo que pede regência direta (“João namora Maria”), e não “João namora com Maria”.
- “No entanto” ou “entretanto”, jamais “no entretanto”.
- “Necropsia”, “rubrica”, “avaro”, “gratuito”, “pudico”, “fluido” (sem acento).
- “Neto”, “bisneto”, “trineto”, “tetraneto” ou “tataraneto” (forma popular). Essa é a sequência correta até a quarta geração.
- “Nucléico”, e não “nucleico”.
- “Olimpíada”, no singular, ou “Jogos Olímpicos”. “Olimpíadas” são os vários Jogos Olímpicos.
- “Orientação sexual”, e não “opção sexual”.
- “Para a frente”, e não “para frente”.
- “Paraninfo”: O feminino é “paraninfa”.
- “Pasma”: Substantivo. “Pasmado” é adjetivo, portanto, apesar de se usar coloquialmente o exemplo “Fiquei pasma com a audácia do operador de telemarketing”, prefira, em qualquer circunstância, frase como “Fiquei pasmada com a audácia do operador de telemarketing”.
- “Penalizar”: Sentir pena, apiedar-se (“As pessoas ficaram penalizadas quando visitaram o orfanato”). Não deve ser usado no sentido de punir como “O juiz penalizou os infratores da lei”, e sim “O juiz puniu os infratores da lei”.
- “Por que”, “por quê”, “porque”, “porquê”, “que” e “quê”:
 - Use “por que” nas perguntas (“Por que você não vai ao cinema?”; Por que ela chorou?”) e nos casos em que a expressão pode ser substituída por “razão”, “motivo” (“Ignoro por que ela não foi ao cinema”; “Não sei por que ela chorou”) ou “pelo qual” e “para que” (“Ela escolheu o caminho por que seguir”; “Trabalho por que possa sustentar minha família”).
 - Use “por quê” quando a expressão vier no fim da frase (Você não foi ao cinema? Mas por quê?; “Ela chorou por quê?; “Estava tão alegre e nem sabia por quê”).
 - Use “porque” quando significar uma explicação equivalente a “uma vez que”, “pois”, “pelo fato ou motivo de que” (“Ela não foi ao cinema porque estava doente”; “Porque estava triste, ela chorou”) ou quando se faz pergunta propondo resposta (“Você não foi ao cinema porque estava doente?”; “Só porque está aborrecido você chorou?”).
 - Use “porquê” (como substantivo) nos casos de substituição de “causa”,

“razão”, “motivo” (“Nem imagino o porquê de seu silêncio”; “São tantos os porquês que não haverá tempo para as respostas”).

- Use “que” quando vier no início ou no meio da frase (“Que faz você aqui?”; “Ela é a menina que estava chorando”).
- Use “quê” no início, no meio ou no fim da frase em casos como “Quê? Você não disse nada?”; “Você lhe disse o quê, depois da ofensa?”; “O rapaz foi até sua casa para quê?”
- “Protéico”, e não “proteico”.
- “Qualquer”: O plural é “quaisquer”.
- “Quem” e “que”: Escreva “Sou eu quem está alegre”, e não “Sou eu que está alegre”; assim como “Sou eu que estou alegre”, e não “Sou eu quem estou alegre”.
- “Ratificar” e “retificar”. “Ratificar” é confirmar (“O gerente ratificou o pedido”). “Retificar” é corrigir (“O professor retificou as notas dadas anteriormente, depois que o cálculo foi refeito”).
- “Redemoinho”, e não “rodamoinho”.
- “Redundâncias”: “Abusar demais”, “acabamento final”, “adiar para depois”, “adiar para mais tarde”, “adiar para o futuro”, “adiar para outro dia”, “amigo pessoal”, “check-up geral”, “comparecer em pessoa”, “consenso geral”, “continuar ainda”, “conviver junto”, “criar novo”, “decorar de cabeça”, “decorar de cor”, “déficit negativo”, “descer para baixo”, “detalhes

minuciosos”, “duas metades iguais”, “eis aqui” (“eis” já quer dizer “aqui está”), “elo de ligação”, “empréstimo temporário”, “encarar de frente”, “enfrentar de cara”, “enfrentar de frente”, “entrar para dentro”, “escolha opcional”, “exultar de alegria”, “fato real”, “frequentar constantemente”, “ganhar de graça”, “ganhar grátis”, “há anos atrás” (aqui, o verbo “haver” já dá ideia de passado), “outra alternativa” (evite também “única alternativa”, pois se não existe possibilidade, não pode haver alternativa; opte nesse caso por “única opção”, “único recurso”, “única saída”), “países do mundo”, “pé de goiabeira”, “pequenos detalhes”, “planejar antecipadamente”, “planejar com antecedência”, “preço barato” e “preço caro” (“barato” e “caro” já encerram a ideia de “preço” – use “preço baixo” ou “preço mínimo” e “preço alto”), “receber das mãos”, “regra geral”, “repetir ou retornar de novo”, “repetir ou retornar novamente”, “repetir ou retornar outra vez”, “sair para fora”, “sintomas indicativos”, “sua autobiografia”, “subir para cima”, “superávit positivo”, “surpresa inesperada”, “voltar atrás”, “quantia de dinheiro”, “todos são unânimes”, “velha tradição”, “voluntário espontâneo”. Quando em coletivos, é redundante o uso de “buquê de flores” (mas é correto “buquê de rosas” ou “de orquídeas”), “enxame de abelhas”, “matilha de cães”, “multidão de pessoas”, “parreira de uvas”.

- “Rubrica”, e não “rúbrica”.
- “Rupia” (moeda indiana e de vários países asiáticos), e não “rúpia”.
- “Sendo que”: Nunca use, pois é um péssimo recurso de expressão.
- “Seriíssimo”, e não “seríssimo”.

- “Sessão”, “seção” e “cessão”: “Sessão” dá ideia de reunião de pessoas (sessão do Congresso, sessão de cinema, sessão espírita,). “Seção” significa “divisão”, “repartição” (seção de contabilidade, seção de perfumes). “Cessão” é o ato de ceder, de dar (cessão de direitos).
- “Televisão”: A abreviatura é TV, e não tevê.
- “Temperatura”: Pode ser alta, média, baixa, e não quente, morna, fria.
- “Torácico”, e não “torácico”.
- “Ventríloquo”, e não “ventríloco”.
- “Vítima fatal” não existe. “Fatal” pode ser o acidente. Assim, escreva “No acidente houve três vítimas, e duas morreram”; “O acidente foi fatal para os cinco passageiros do carro”.
- “Voluntário” e “voluntarioso”: Uma pessoa que age de modo espontâneo, generoso, que se oferece e se dispõe a fazer algo, é uma pessoa voluntária (“Os jovens nem chegaram a ser convocados para a guerra, pois foram voluntários”; “Essa missão é muito perigosa: há algum voluntário?”; “Muitos voluntários ajudaram as equipes do Corpo de Bombeiros a salvar vítimas do desmoronamento”). Já “voluntarioso” é quem age de modo teimoso, só pela sua exclusiva vontade e capricho, que faz birra, que se impõe a todos (“João, como toda pessoa voluntariosa, só faz o que lhe dá na cabeça”; “Voluntariosa, ela não cede em suas opiniões”).
- “Vultoso” e “vultuoso”: Uma quantia elevada, é uma quantia vultosa, de grande vulto. Algo “vultuoso” é referente a alguma patologia, como “rosto vultuoso” (que sofreu deformação) ou “lábios vultuosos” (que estão inchados).
- “Xifópago”, e não “xipófago”.

SINÔNIMOS NÃO EXISTEM(?)

Quem, ao redigir um texto, não se deparou com a necessidade de encontrar uma palavra que substitua outra, para não ter de repeti-la? Então, procuramos um sinônimo que queira dizer exatamente a mesma coisa que escrevemos antes.

Mas (já pensou nisso?) será mesmo que uma palavra substitui perfeitamente outra? Será que um termo tem significado idêntico àquele aplicado em seu lugar? Será que podemos usar, indistinta e impiedosamente, um vocábulo que cremos ser sinônimo da palavra que desejamos trocar?

As palavras podem, sim, ter semelhanças entre seus significados, mas nunca serão as mesmas, nem terão a mesma conotação, quer por sua etimologia, quer pelo uso que a possa ter transformado, por ser a língua um meio vivo de comunicação, em processo de mutação constante.

Assim, “muito bonito” dá ideia do tamanho da beleza em questão, porém “lindo” e “formoso” têm uma amplidão, um peso, uma força que “belo” guarda em dose talvez um pouco menor, embora bem maior que “muito bonito”. Mas se temos de, em poucas linhas, mencionar essa tal ideia de beleza, fazer o quê? Exatamente o que se vê neste parágrafo, em que o conceito foi relativamente mantido e não se repetiu palavras que o definissem.

E é este o significado de um sinônimo: um termo parecido, aproximado. Ou como é definido o vocábulo no Novo dicionário Aurélio: “Diz-se de palavra ou locução que tem quase a mesma significação que outra.” O termo “quase” já explica tudo.

Deste modo, toda a atenção é necessária quando usarmos sinônimos, e sempre com parcimônia, já que parecido não é igual e semelhante não é idêntico.

Os exemplos abaixo mostram algumas palavras usadas normalmente como sinônimas, mas que têm diferenças muitas vezes sutis (ou não) e que podem

não ser as mais adequadas quando aplicadas sem discernimento de seu real significado.

- Achar e encontrar: “Achar” é buscar algo (“Achei a caneta que procurava”). “Encontrar” é aquilo que, sem que seja buscado, surge à nossa frente (“Procurando o livro de sonetos, encontrei outro ainda melhor”).
- Acontecer e ocorrer: “Acontecer” é verbo que só deve ser utilizado quando se tratar de algo inesperado, imprevisto, não planejado (“A queda do menino aconteceu na cozinha”, “O acidente aconteceu na Ponte Rio-Niterói”). Nas demais situações, use “ocorrer”, “realizar”, “promover” (“O encontro ocorreu no Auditório Macunaíma”; “O evento realiza-se neste sábado”; “A festa foi promovida pelo Diretório Central dos Estudantes”).
- Adiar, retardar, protelar e prorrogar: “Adiar” é deixar para outro dia. “Retardar” é deixar para mais tarde. “Protelar” é demorar de propósito, com alguma intenção, geralmente não muito boa. Já “prorrogar” é quando um prazo que venceu é prolongado.
- Aguardar e esperar: “Aguardar” é dispensar atenção a uma pessoa, um acontecimento ou fato (“O cliente aguardava sua vez na antessala do consultório”). “Esperar” significa que há uma esperança, um bom resultado em relação ao ato de aguardar (“O cliente aguardava sua vez na antessala do consultório e esperava receber boas notícias do médico”).

- Alma e espírito: “Alma” dá ideia de substância simples, que anima o corpo, e representa o princípio, a causa oculta da vida, do movimento do ser humano (“Após a morte, acredito na salvação da alma”; “A Igreja Católica ensina que as almas vão para o purgatório e de lá devem ser resgatadas por meio de missas”; “Os meninos diziam ter medo de almas do outro mundo”). No sentido figurado, “alma” refere-se aos atos, aos sentimentos, aos afetos (“Aquele homem tem alma nobre e pura”). “Espírito” indica substância imaterial, inteligente e livre, sem nenhuma relação com o corpo. Deus, anjos, demônios são espíritos, mas não são almas. No sentido figurado, refere-se ao pensamento, à inteligência (“Aquele mulher tem um espírito penetrante, grande, profundo”).
- Andar e caminhar: Quem anda simplesmente dá passos para a frente, para trás ou para os lados (“O bebê andou pela primeira vez”). “Caminhar” é fazer um caminho, ir de um lugar para outro (“O atleta caminhou do início da Praia de Icaraí até o fim da Praia de Jurujuba”).
- Assassinar e matar: “Assassinar” é crime premeditado (“Por vingança, assassinou o rival”; “Ele assassinou o homem que o ofendera”). “Matar” é tirar a vida de alguém. No primeiro exemplo, há um assassino; no outro, um homicida. Portanto, nem todo homicida é um assassino, mas todo assassino é um homicida.
- Breve e curto: Uma coisa “breve” é aquilo que dura pouco tempo (“Caros ouvintes, serei breve!”). Já “curto” tem a ver com duração e extensão (“Em curto espaço de tempo, este filme acabará”; “O cão Basset tem pernas muito curtas”).
- Cegamente e às cegas: Fazer uma coisa cegamente é quando se deposita confiança na pessoa que manda fazer (“Obedeceu cegamente à ordem”). Fazer uma coisa às cegas é fazê-la sem razão suficiente (“Dirigia o carro às cegas”; “Andava às cegas pela rua”).
- Cooperar e colaborar: Quem coopera esforça-se, age pelo mesmo fim por que o outro age ou se esforça (“Ajudar o próximo é uma grande causa, portanto, coopere conosco”; “A imprensa deve cooperar para a polícia exercer suas funções”). Quem colabora executa junto o mesmo trabalho (“Os dois cineastas colaboram num filme sobre a UFF”; “Um chefe deve muito à colaboração de seus funcionários”).
- Covarde e medroso: Quem é covarde não tem força moral para ser digno nas situações difíceis. O medroso é aquele que tem medo, que não avança ou recua, mas não é indigno.
- Crucifixo e cruz: O primeiro é a cruz com a imagem de Cristo morto, nela crucificado. A “cruz” é a figura do madeiro vazio, símbolo da ressurreição de Cristo, o Cristo que está vivo.
- Dar, doar e entregar: “Dar” consiste em passar para alguém a propriedade de alguma coisa, sem formalidade; é uma ação livre. “Doar” significa passar alguma coisa para alguém, mediante ato solene ou formal, geralmente para um fim determinado. “Entregar” é passar para alguém a própria coisa que lhe pertence; é um ato de dever.
- Delatar e denunciar: A pessoa que faz uma delação tem propósito oculto, um interesse pessoal qualquer ou pratica um ato de vingança que pode se somar à denúncia, e age com maldade (“O homem delatou

o vizinho, pois o considerava um inimigo”; “Durante a ditadura, muitos combatentes foram delatados”). Quem denuncia alguém visa ao bem comum e tem em vista a punição daquele que não age de modo legal, fazendo isso por meio de manifesto a juízes, os quais terão a cargo a comprovação dessa denúncia.

- De repente ou repentinamente e de súbito ou subitamente: Quando uma coisa acontece logo, sem demora, sem preparação prévia, indica que ocorreu de repente, repentinamente. “De súbito” ou “subitamente” quer dizer que algo ocorreu num piscar de olhos, quando menos se pensa.
- Eterno, perpétuo e perene: “Eterno” é aquilo que não tem fim, que não tem limite, que dura para sempre. “Perpétuo” é aquilo que vai até o fim da duração que lhe é própria. “Perene” é o que dura em ação contínua, incessantemente, sem interrupção.
- Falar e dizer: “Falar” é a capacidade vocal de emitir sons que a pessoa, desde que não seja muda, tem (o papagaio também “fala”). “Dizer” é expressar-se por meio das palavras (“Políticos brasileiros geralmente falam, falam, mas nada dizem”).
- Falência, insolvência e bancarrota: São as instituições – pessoas jurídicas – que vão à falência; pessoas físicas ficam insolventes. “Bancarrota” é a falência fraudulenta.
- Gritar, berrar, bradar e clamar: Quem grita simplesmente aumenta seu tom de voz, de maneira mais aguda (“O bebê gritava a plenos pulmões”). “Berrar” é usado em relação a animais (que jamais gritam, bradam, nem clamam) e pessoas (“O cabrito berrava no pasto”; “O berro do bicho ecoou

pela floresta”; “O homem berrou de tanto medo”). Aquele que brada traz no tom de voz a vibração da alegria, do entusiasmo, da euforia (“Ouviram do Ipiranga às margens plácidas/De um povo heroico o brado retumbante...”; “Aos brados, a torcida vibrava pela vitória do Fluminense”). Quem clama pede por justiça, por ajuda, por misericórdia, por perdão, por socorro (“O clamor da multidão na frente do presídio era pela suspensão da pena de morte”; “Em sua oração, ele clamava pela misericórdia divina”).

- Ira, raiva, cólera, fúria, ódio e zanga: A “ira” é sentimento que implica em desejo de vingança (“Irado, ao se descobrir traído, o marido tramou a morte do rival”). A pessoa raivosa sente irritação e aversão muito fortes (“Por causa do mau professor, o aluno tomou raiva da disciplina de Matemática”). A “cólera” é o impulso muito forte contra quem nos atinge por meio de ofensa, que nos fere ou causa indignação (“Ofendida em sua honra, a mulher foi tomada de cólera contra aqueles que a acusaram”). A “fúria” traduz uma violenta agitação, uma violência impetuosa (“O homem enfurecido agrediu a todos”). Quem sente ódio causa ou deseja o mal a alguém (“O ódio que nutria pela colega o fazia torcer pela demissão dela”). Zangar-se é mais do que ficar aborrecido (“A mãe ficou zangada com a desobediência do filho”). E detestar é aquilo que não aprovamos ou que condenamos (“A pessoa que tem caráter detesta a corrupção”; “Eu detesto os mentirosos”).
- Lastimável, lamentável e deplorável: “Lastimável” é aquilo que provoca dor profunda, que nos causa piedade. “Lamentável” é o que causa lamentação, queixa. Quem pratica ato deplorável provoca choro.
- Misericórdia, piedade, compaixão, dó, pena e comiseração: “Misericórdia” pode ser definida como virtude divina e corresponde, na

figura de Deus, àquilo que em nós é dito ser “piedade”, isto é, quando há o desejo de livrar o nosso semelhante do mal que está sofrendo. “Compaixão” é o sentimento que nos leva a compadecer-nos dos infelizes como se os seus males fossem os nossos próprios sofrimentos. “Dó” é a dor moral que sentimos por quem é frágil, que é infeliz. “Pena” é o sofrimento que se sente vendo alguém sofrer. “Comiseração” só é sentida quando observamos uma desgraça ou tragédia, portanto, não se pode ter “comiseração” por um triste evento transcorrido no passado.

- **Momento e instante:** “Momento” exprime um brevíssimo espaço de tempo. Mais breve ainda é o “instante”, palavra que deve ser empregada no sentido literal (“O foguete explodiu num instante”; “Num instante, aconteceu o desastre”). O primeiro tem significação mais ampla, relativo ao tempo de um modo geral (“Para a realização de um bom negócio é importante aproveitar o momento favorável”; “Preciso de um momento para pensar na sua proposta”).
- **Monólogo e solilóquio:** “Monólogo” é o ato de alguém que fala com exclusividade, mas tendo intencionalmente quem o ouça (“A peça de teatro era um monólogo sobre a vida do personagem”). “Solilóquio” é aquilo que alguém faz quando fala sozinho, para si mesmo, independentemente do fato de alguém poder ouvi-lo ou não.
- **Morrer e falecer:** Jornalisticamente, prefira o verbo “morrer”, que pode ser usado tanto para pessoas, quanto para animais (que jamais “falecem”); assim, “O gato morreu de velhice”, e não “O cachorro faleceu atropelado”).
- **Mútuo e recíproco:** “Mútuo” é o que se faz de uma parte e de outra, e exprime a simples ideia de dar e receber de ambas as partes; é um ato

voluntário e livre (“Assim que se conheceram, eles sentiram simpatia mútua”; “Amigos verdadeiros trocam favores mútuos”). “Recíproco” exprime a ação de dar ou fazer de uma parte conforme é dado ou feito da outra parte; é uma reação devida e exigida (“Ele lhe prestou um serviço, e ela, num gesto recíproco, lhe prestou outro”; “Patrões e empregados mantêm direitos e deveres recíprocos”).

- **Orar e rezar:** Quem ora dirige-se diretamente a Deus e manifesta seus sentimentos de petição e/ou agradecimento de modo espontâneo, com suas próprias palavras. “Rezar” é recitar preces.
- **Ouvir e escutar:** Quem ouve capta, pela audição, os sons à sua volta. Já quem escuta presta atenção àquilo que ouve. Pode-se, então, ouvir sem escutar (“Ouvi a música, entretanto, não sei qual era, pois não prestei atenção”), mas é impossível escutar sem ouvir.
- **Parar, cessar, deter e interromper:** “Parar” é não mais mover-se, agir, funcionar. “Cessar” é ter fim, acabar. “Deter” indica ação com uso da força. “Interromper” dá ideia de que a ação prosseguirá.
- **Pedir desculpas e pedir perdão:** Quem pratica um erro sem querer pede desculpas. Pede perdão quem admite ter errado de modo proposital e sente arrependimento por isso.
- **Pessoa e indivíduo:** “Pessoa” refere-se a um ser humano, mulher ou homem. “Indivíduo” indica uma espécie, assim, tanto pode referir-se a seres humanos, como a animais.
- **Punir e castigar:** “Punir” supõe autoridade de uma parte, e culpa da

outra. Já “castigar” não supõe necessariamente culpa da outra parte, mas, sim, erro, descuido, omissão, falta, defeito. Quem pune impõe pena. Quem castiga corrige, repreende, censura.

- Restituir e devolver: Restituímos alguma coisa que é propriedade de alguém, e que recebemos de uma pessoa com o compromisso de entregá-la ao seu legítimo dono. Devolvemos, isto é, fazemos voltar ao lugar de onde veio, ou à pessoa de quem a recebemos, a coisa que estava conosco.
- Sepultar e enterrar: Sepulta-se um corpo humano, dá-se sepultura aos restos mortais, ao cadáver de uma pessoa que esteja dentro de um caixão, num jazigo. “Enterrar” é colocar qualquer coisa, inclusive um corpo humano, dentro de um buraco na terra, jogando-a por cima para tapá-lo. Convencionou-se usar de modo geral este termo, mais usado até de que o outro.
- Superar, suplantar e sobrepujar: “Superar” é vencer e ficar superior a alguém ou alguma coisa. “Suplantar” é vencer com orgulho, humilhando o vencido. Quem sobrepuja algo supera depois de esforço e luta.
- Velho e antigo: “Velho” é o que está gasto, estragado pelo tempo. “Antigo” é aquilo que tem tanta idade que já se acha fora de uso.
- Ver, olhar e enxergar: “Ver” significa perceber pessoas e coisas pelo sentido da visão. “Olar” é movimentar os olhos em determinada direção, para os lados (e nada ver). “Enxergar” é “ver a custo, entrever, avistar, divisar”, segundo o Novo dicionário Aurélio.

GAFES NO JORNALISMO PODEM SER EVITADAS

Muitos veículos de comunicação – jornais, sites, revistas, televisão –, ao optarem pelo uso de linguagem mais coloquial como mecanismo de informação, em algumas circunstâncias pesam a mão e utilizam a língua portuguesa de maneira muito mais leve ou informal do que se deveria pretender.

Mesmo quando se trata de sites de mídias mais populares ou especializados em comentários sobre a vida alheia, isso não significa, necessariamente, que um título ou texto “descontraído” acabe por se tornar mais um representante das gafes que se disseminam como doença contagiosa pelas salas de redação.

O resultado, como se vê em exemplos compilados de 2009 até 2011, é pelo menos inadequado, provocando o riso, muitas vezes sem que essa fosse, de propósito, a real intenção. Trocadilhos, palavras e expressões vulgares, com segundas intenções ou que podem dar margem a outros significados, termos aparentemente engraçados e piadas de gosto duvidoso devem ser repensados antes de serem usados. Não que, de modo obrigatório, alguns destes não tenham espaço dentro de determinados contextos. Ao contrário, um toque de humor, às vezes, é muito bem-vindo e aí, sim, permite uma verdadeira e até desejável descontração. Cabe ao redator perceber que cada caso é um caso, como se diz, e ter o bom senso necessário para utilizar a redação mais condizente com o teor da matéria e o público a que se destina (e que sempre deve ser respeitado).

Outro exemplo de infelicidade na informação apresenta algumas frases e textos que demonstram o quão desastrados podem ser uma afirmativa verbal desatenta ou um material redigido displicentemente.

Na verdade, a imprensa brasileira, felizmente, é constituída muito mais de bom material – quer pelo conteúdo, quer pelo estilo – do que o oposto. Os exemplos mencionados não são uma crítica pura e simples, mas servem como

ilustração daquilo que não se deve fazer em jornalismo e mostram que, muitas vezes, basta um mínimo de cuidado para se evitar o máximo de inadequação, seja no que diz respeito à ortografia, seja no que se relaciona à oratória, seja no que se refere às ideias.

Além de como escrever certo, mostramos, nos capítulos “Títulos surreais” e “Quando a língua é chicote e a escrita, punhal”, modelos de palavras e expressões que não são a forma correta, ou mais correta, de se redigir e, por isso, devem ser evitados.

A prevenção contra as gafes e erros de quem escreve, fala ou corrige quem escreve chama-se atenção. Que, somada ao conhecimento geral, resulta em parceria imbatível na arte de bem escrever e falar.

TÍTULOS SURREAIS

Ele rala e ela rola (Globo.com)

Sobre o casal Brad Pitt e Angelina Jolie, quando que ele cuidava dos seis filhos e ela trabalhava na gravação de novo filme. Ora, se estava trabalhando, como ela “rolava”? E “ralar”, nesse caso, soou pejorativo à tarefa de cuidar dos próprios filhos.

Guy Richie pode estar namorando supermodelo (O Fuxico)

Olha a “gerundite” aí, gente!

Deputado a 190 km estava ‘quadribêbado’ (Jornal O Globo)

Primeira página, em referência ao fato de ele ter quatro vezes mais álcool no sangue do que o permitido. Estaria o redator “trêbado”?

Fofura em fuga. Suri dispara e coloca Tom Cruise para correr (Globo.com)

Sobre foto em que o ator e a filha simplesmente aparecem correndo juntos.

Joãosinho Trinta quase chora em homenagem (G1)

Parece que a homenagem não foi tão emocionante assim, já que ele apenas “quase” chorou.

União visando o pré-sal (Jornal O Fluminense)

O verbo “visar”, nesse contexto, pede regência indireta, portanto, o correto é “União visando ao pré-sal”. Na verdade, a frase ficou dúbia, pois não estava claro se era a união de uma empresa com outra ou se tratava-se da União, o país brasileiro.

Nua é presa ao pedir cigarros em casa de estranho (Globo.com)

A palavra “nua”, parece, virou nome próprio, ou profissão (como, durante certo tempo, o termo “gêmeo” passou a ser usado pela mídia como “atividade profissional”). Mas estranho mesmo ficou todo o sentido da frase.

Três presos com querosene roubada no Santos Dumont (Jornal A Tribuna)

“Querosene” é palavra masculina.

Baladeira Kate Moss dança de olho fechado e tudo em festa (Globo.com)

Sem comentários.

Ele tem 74 cm e sofre de um tipo de ananismo (Terra)

O autor da pérola quis dizer “nanismo”.

Darwin completaria 200 anos hoje (Bol)

Isso que é evolução. Já falamos a esse respeito no capítulo “Como escrever para o site da Universidade Federal Fluminense – Normas de redação”.

Poluição fazem dois porquinhos nascerem sem focinho na China (Globo.com)

Bizarro em todos os sentidos, especialmente na concordância verbal.

Andrés diz que Adriano pode encher a lata se treinar certo (Jornal Agora – SP)

Sem comentários.

Ô dó! Caio Castro almoça sozinho em restaurante carioca (O Fuxico)

Sem comentários.

Ex-goleiro de hóquei é arma do já campeão Vettel para manter o foco (Site da Folha de S. Paulo)

Isso é mensagem cifrada?

Uspianos deveriam protestar por melhoria no ensino, diz leitora (Site da Folha de S. Paulo)

Sobre a invasão de estudantes à Reitoria da USP. “Uspianos” é neologismo dispensável utilizado, aparentemente, pelo jornal, já que, apesar de o título dizer que a afirmativa é de leitora, na matéria, em momento algum, a palavra é mencionada de novo ou citada como termo utilizado pela leitora. É de se esperar que alunos “uffianos”, “ufrjníamos”, “uni-rionianos”, “uerjianos” ou “cefetianos”, por exemplo, não promovam também baderna semelhante.

Marta Suplicy dispara ‘pacote gay’ no Senado (Site da Folha de S. Paulo)

O abusivo e perigoso uso do verbo “disparar” trouxe conotação oposta àquela que provavelmente pretendia a senadora.

Demi Moore completa 49 anos com aparência de 50 (Site da Folha de S. Paulo)

E um corpinho de 48 ou 51?

QUANDO A LÍNGUA É CHICOTE E A REDAÇÃO, PUNHAL

Bom Dia, Rio – (Repórter Suzana Napolini, sobre surto de infecção do Hospital Universitário Antônio Pedro) “Eles estão chamando a bactéria de bactéria multirresistente...” [frisando a palavra “multirresistente”]. “Eu não sei direito o que é isso”. [demonstrando surpresa]

Jogo de futebol na TV Globo – (Narrador Cléber Machado, identificando o jogador Dênis, que fizera o gol) “Pênis!”

Jornal da Globo – (Apresentador William Waack, chamando repórter em matéria sobre pessoa que se encontrava em coma) “Zelda Merda”... [e corrigindo-se] “Zelda Melo, o que dizem os médicos?”

Jornal do Brasil – (Coluna de Anna Ramalho – Nota sobre a vinda do conjunto Village People ao Brasil, em que ela cita que eles não pediram “nem uísque nem outras bebidas fortes” no camarim) “Parece coisa de crente.” Essa frase infeliz, preconceituosa e discriminatória – muçulmanos e abstêmios, por exemplo, também não bebem – transformou uma informação de conteúdo modelar numa notícia lamentável.

Jornal do Brasil – “A nova terapia traz esperanças a todos os que morrem de câncer a cada ano.”

Jornal do Brasil – “Ela contraiu a doença na época em que ainda estava viva.”

Jornal Extra – “O presidente de honra é um jovem septuagenário de 81 anos.”

Jornal Extra – “Os sete artistas compõem um trio de talento.”

Jornal O Dia – “A vítima foi estrangulada a golpes de facão.”

Jornal O Dia – “Apesar da meteorologia estar em greve, o tempo esfriou ontem intensamente.”

Jornal O Dia – “Na chegada da polícia, o cadáver se encontrava rigorosamente imóvel.”

Jornal O Dia – “No corredor do hospital psiquiátrico os doentes corriam como loucos.”

Jornal O Globo – “Os nossos leitores nos desculparão por esse erro indesculpável.”

Telejornal, ao vivo, apresentado por Chico Pinheiro – (Repórter, muito sério, respondendo à indagação do âncora sobre se determinado fato era constante) “Aí, ‘vareia’, né, Chico!” Ao que ele respondeu: “Olha, ‘vareia’ é imperdoável. Mas o que não varia é a sua demissão”...

LISTA DE PLURAIS

- Açúcar - açúcares, hambúrguer - hambúrgueres, repórter - repórteres, revólver - revólveres.
 - Alemão - alemães, capitão - capitães, pão - pães, cão - cães, charlatão - charlatães, sacristão - sacristães, capelão - capelães, escrivão - escrivães, tabelião - tabeliães.
 - Ardil - ardis, funil - funis, fuzil - fuzis, fóssil - fósseis, projétil - projéteis, réptil - répteis.
 - Alteração fonológica. Palavras no singular com som de “ô” e no plural com som de “ó”: aposto - apostos, corno - cornos, corpo - corpos, corvo - corvos, caroço - caroços, esforço - esforços, fogo - fogos, forno - fornos, imposto - impostos, jogo - jogos, miolo - miolos, olho - olhos, osso - ossos, ovo - ovos, poço - poços, porco - porcos, porto - portos, povo - povos, posto - postos, reforço - reforços, socorro - socorros, tijolo - tijolos.
 - Cânon - cânones.
 - Códex ou códice - códices.
 - Cônsul - cônsules.
 - Gol - gols (forma irregular admitida), goles (ô) e gois.
 - Júnior, sênior, caráter, mau-caráter - juniores, seniores, caracteres, mau-caracteres (o “c” é pronunciado).
 - Mel - mele e meis.
 - Sótão - sótãos, cidadão - cidadãos, chão - chãos, bênção - bênçãos, cristão - cristãos, grão - grãos, órfão - órfãos, irmão - irmãos, mão - mãos.
 - Tórax - os tórax, clímax - os clímax, xerox - as xerox.
 - Diminutivos: Botão + zinho (botõe + zinhos = botõezinhos), balão + zinho (balõe + zinhos = balõezinhos), pão + zinho (pãe + zinhos = pãezinhos), papel + zinho (papei + zinhos = papeizinhos), anzol + zinho (anzoi + zinhos = anzoizinhos), colar + zinho (colare + zinhos = colarezinhos), flor + zinha (flore + zinhas = florezinhas).
 - No Brasil é mais comum que o plural limite-se à terminação da forma derivada: colarzinho – colarzinhas, florzinha – florzinhas, mulherzinha – mulherzinhas. Essa forma de plural, porém, não é aceita pela norma culta.
 - Palavras compostas: Arranha-céus, bate-bocas, bate-bolas, bate-papos, bate-estacas, caça-talento, guarda-chuvas, lança-perfumes, lava-pés, mata-borrões, porta-bandeiras, porta-vozes, quebra-cabeças, quebra-molas, salva-vidas, vira-latas.
- Arco-íris (invariável), ave-marias, joões-ninguém, louva-a-deus (invariável), mapas-múndi, salve-rainhas, surdos-mudos.

Bananas-maçã e bananas-maçãs, banhos-marias e banhos-maria, caminhões-tanque e caminhões-tanques, carros-bomba e carros-bombas, couves-flor e couves-flores, homens-bomba e homens-bombas, navios-escola e navios-escolas, padre-nossos e padres-nossos, públicos-alvo e públicos-alvos, saias-balão e saias-balões, sambas-enredo e sambas-enredos.

- Amores-perfeitos, boas-vidas, boias-frias, cachorros-quentes, capitães-mores, curtas-metragens, longas-metragens, obras-primas, primeiras-damas, primeiros-ministros, quartas-feiras, queixos-duros.

- Siglas: CDs, CPFs, IPTUs, IPVAs, Ufirs. Caso a sigla já esteja no plural não será necessária a colocação do “s”, como em DST (Doenças Sexualmente Transmissíveis), que fica “as DST”; ou quando a última letra for “s”, como em Ifes (Instituições Federais de Ensino Superior), que fica “as Ifes”.
- Um fax, dois fax.



A ARAPUCA DOS CLICHÊS

Clichês, chavões, lugares-comuns, frases feitas são palavras surradas que devem ser esquecidas em qualquer tipo de redação que se pretenda sério, a menos que seja algo intencional, com algum objetivo (ou dentro de um contexto) específico ou muito coloquial.

Mesmo em textos mais descontraídos a não utilização desses termos é mais do que recomendada. Cuidado, portanto, para não cair numa armadilha que pode ser fatal para a sua matéria.

Confira como escapar dessa arapuca empobrecedora de textos, rejeitando, com todas as forças da criatividade, a listagem abaixo.

Abalar os alicerces	A nata da sociedade	A união faz a força	Calorosa recepção	Corações e mentes	Duras/pesadas críticas
Abraçar uma causa	Antes de mais nada	Avançada tecnologia	Caloroso abraço	Coroar-se de êxito	Em compasso de espera
Abrir com chave de ouro	Ao apagar das luzes	Bater em retirada	Calorosos aplausos	Corpo escultural	Em sã consciência
Abrir espaço na agenda	Aparar as arestas	Bater na mesma tecla	Caminho já trilhado	Correr por fora	Ensaiai os primeiros passos
Acertar em cheio/na veia	Apertar o cinto	Baixar a guarda	Cantar vitória	Cortina de fumaça	Ente querido
Acertar os ponteiros	Aquecer as turbinas	Bêbado de cair	Cardápio da reunião	Costurar um acordo	Erro gritante
Acolher de braços abertos	Arrebentar a boca do balão	Botar a boca no trombone	Carro-chefe	Crítica construtiva	Escoriações generalizadas
A duras penas	A sete chaves	Botar banca	Carreira meteórica	Cuspindo fogo	Estar no vermelho
Agora é que são elas	Ataque fulminante	Brincar com fogo	Cartada decisiva	Da boca para fora	Estrondoso sucesso
Agradar a gregos e troianos	Até debaixo d'água	Cair como uma bomba/luva	Catapultar	Dar a volta por cima	Extrapolar
Agradável surpresa	Atingir em cheio	Cair pelas tabelas	Causar espécie	Dar com os burros n'água	Faca de dois gumes
Água cristalina	Atirar/lançar farpas	Cair de maduro	Cavalo de batalha	Dar na telha	Fé em Deus e pé na tábua
Alegria contagiante	A todo vapor	Cair por terra	Chegar a um denominador comum	Dar nome aos bois	Feito barata tonta
Alto e bom som/tom	A toque de caixa	Caixinha de surpresas	Chover a cântaros	Dar o ar de sua graça	Fez o que pôde
Amarga decepção	Atuação impecável	Calor escaldante	Chover no molhado	De dar água na boca	Fortuna incalculável
			Chumbo grosso	Debelar as chamas	Fugir da raia
			Chutar o balde/pau da barraca	Debruçar-se sobre um tema	Fuzilar com os olhos
			Chuvas torrenciais	De mão beijada	Gerar polêmica
			Colocar um ponto final	Descascar o abacaxi	Grata satisfação
			Com a boca na botija	Detonar um processo	Injeção de ânimo
			Com o rei na barriga	De vento em popa	Inflação galopante
			Congestionamento monstro	Deixar a desejar	Ir por água abaixo
			Consternar-se profundamente	Dispensa apresentações	Jogado às traças
			Consultar o travesseiro	Dizer cobras e lagartos	Lamentável equívoco
				Do Oiapoque ao Chuí	Lance duvidoso

Leque de opções/alternativas	Quebrar o protocolo	Tomar um banho de loja
Lugar ao sol	Rápidas pinceladas	Trair-se pela emoção
Levantar acampamento	Rasgar o verbo	Trazer à tona
Manobra audaciosa	Recarregar as baterias	Trocar farpas/figurinhas
Mexer num vespeiro	Requintes de crueldade	Tumulto generalizado
Mostrar o caminho das pedras	Respirar aliviado	Último adeus
No apagar das luzes	Reta final	Usina de ideias
Obra faraônica	Rota de colisão	Verdadeiro tesouro
Outono da vida	Ruído ensurdecidor	Vestir a camisa
Pensar com os seus botões	São coisas da vida	Via de regra
Perda irreparável	Sede de vingança	Vias de fato
Perder o bonde da história	Ser o azarão	Violento incêndio
Pergunta que não quer calar	Silêncio sepulcral	Visivelmente emocionado
Pista escorregadia	Singela homenagem	Vitória esmagadora
Pomo da discórdia	Sol escaldante	Vivendo e aprendendo
Pôr as barbas de molho	Sonora vaia	Viver é lutar
Preencher uma lacuna	Subida íngreme	Voltar à estaca zero
Prejuízos incalculáveis	Tábua de salvação	
Profundo silêncio	Tiro de misericórdia	

PALAVRAS DIFÍCEIS, EMOÇÕES CONTURBADAS -LISTA DE ALGUMAS FOBIAS

Hoje, vivemos em uma sociedade de medos disseminados: tememos os assaltos, os sequestros (relâmpagos ou não), as balas perdidas, a violência em todas as suas modalidades, cada vez mais perversas, mais brutais. Também sentimos medo de ficarmos doentes ou de morreremos; de perdermos o emprego; de não sermos aprovados em um concurso; do fim do salário, quando sempre sobra mês, e não podermos pagar as contas; das enchentes, consequência direta da indiferença de governos e da falta de educação da população; de determinados candidatos a cargos políticos... Enfim, não existe quem não sinta medo de alguma coisa ou de alguém.

Porém esses temores, que são comuns e por si só não têm uma definição específica dentro da língua portuguesa, tornam-se patológicos quando manifestados de maneira tal que sua superação quase sempre só é possível mediante tratamento. A isso, a psiquiatria dá o nome de “fobia”, definida no Novo Dicionário Aurélio como: Fobia. [Da raiz grega phob < phobéomai, “temer”, + ía] 1. Designação comum às diversas espécies de medo mórbido. 2. Horror instintivo a alguma coisa; aversão irreprimível. El. comp. = “medo intenso, ou irracional”; “medo mórbido”; “aversão instintiva”; “hostilidade instintiva”.

Apresentamos, a título de curiosidade sobre palavras do nosso idioma, uma compilação de termos de psiquiatria e psicologia que definem determinados tipos de fobia. Podemos, assim, conhecer alguns vocábulos que, certamente, sequer imaginávamos fazer parte da língua portuguesa e nominam aversões que, muitas delas, seriam cômicas se não fossem tão sérias – palavras difíceis que traduzem emoções conturbadas.

Todo mundo sabe o que é “claustrofobia” e “homofobia”, por exemplo, mas as palavras aqui identificadas podem servir como compreensão do porquê de tantas atrizes serem cronofóbicas e ritifóbicas, apelando para a cirurgia plástica até perderem a expressão facial, e o motivo pelo qual milionários jamais sofrerão de crematofobia, bem como a razão de narcisistas, aí incluindo a madrasta da Branca de Neve, não padecerem de catoptrofobia. O Abominável

Homem das Neves e os esquimós certamente não seriam pacnofóbicos. Já o glutão nem de longe se imaginaria sitofóbico, enquanto o marinheiro estaria a mil léguas submarinas da talassofobia. Torço para que todos os toureiros se tornem taurofóbicos e nunca mais escutem “olé” numa arena de tortura bovina. E um ano de assinaturas grátis para quem apontar um jornalista grafofóbico. Pavor dos pavores, teu nome é fobofobia. A propósito, a autora sofre de aracnofobia.

- A -

Abissofobia: Horror a abismos e a precipícios.
 Acarofobia: Receio patológico de ácaros.
 Acrofobia: Medo mórbido de altura, de lugares elevados.
 Acusticofobia: Medo patológico de sons.
 Aerodromofobia: Medo patológico de viagem aérea.
 Aerofobia: Medo mórbido do ar, de correntes de ar.
 Algofobia: Terror mórbido de sensação dolorosa. [Opõe-se a algofilia.]
 Amaxofobia: (cs). Sensação de pavor em presença de veículos.
 Amicofobia: Receio mórbido de ser arranhado, por exemplo, por garra de animal.
 Androfobia: Horror ao sexo masculino.
 Anemofobia: Medo patológico de vento.
 Antofobia: Aversão patológica a flores.
 Apifobia: Medo patológico de abelhas e de seus ferrões.
 Aracnofobia: Medo mórbido de aranha.
 Astrofobia: 1. Medo mórbido de trovões e relâmpagos. 2. Medo de astros, do espaço celeste.
 Ataxofobia: (cs). Medo patológico de desordem.
 Autofobia: Medo patológico de si mesmo e de solidão.
 Automisofobia: Horror patológico à sujeira pessoal.

- B -

Bacilofobia: Medo patológico de germes patogênicos.
 Basifobia: Medo mórbido de cair, ao andar; basiofobia, basofobia.
 Batmofobia: Medo patológico de escadas ou de ladeiras altas.
 Batofobia: 1. Horror a lugares profundos, ou como que profundos. 2. Medo patológico de passar perto de, ou entre estruturas altas, como edifícios, montanhas, etc.
 Batracofobia: Medo mórbido de batráquios.
 Bromidrosefobia: Medo patológico de odores corporais.

- C -

Cardiopatofobia: Medo patológico de cardiopatia.
 Catoptrofobia: Aversão patológica a espelhos.
 Cenofobia: 1. Medo patológico de grandes espaços abertos. 2. Medo patológico de coisas novas; cenotofobia, neofobia.
 Cinofobia: Medo mórbido de cães.
 Cipridofobia: 1. Medo patológico de doença venérea. 2. Medo patológico de relação sexual.
 Claustrofobia: Estado psicopatológico caracterizado pelo medo de estar ou passar em lugares fechados ou de tamanho reduzido. [Opõe-se a claustrofilia].
 Cleptofobia: Medo mórbido de ser roubado, ou de cometer furto, ou de estar em débito.
 Climacofobia: Medo patológico de escadas, ou de galgá-las.
 Coitofobia: Medo patológico de coito.
 Coprofobia: Repugnância patológica à defecação e às fezes.
 Coprostafofobia: Medo patológico de sofrer de constipação (prisão de ventre).
 Crematofobia: Aversão patológica a dinheiro.
 Cromatofobia: (crô). Medo patológico de cor(es).
 Cronofobia: Medo patológico do tempo, ou do envelhecimento.

- D -

Demofobia: Temor patológico a multidão.
 Dendrofobia: Horror às árvores. [Opõe-se a dendrofilia.]
 Dismorfofobia: Medo patológico de deformidade corporal.
 Domatofobia: (dô). Medo patológico de estar dentro de uma casa.
 Dorafobia: Medo patológico de pele ou pelo de animal.

- E -

Elurofobia: Medo patológico de gatos.

Emetofobia: (êm). Horror ao vômito.

Entomofobia: Medo patológico de insetos.

Eremofobia: Medo patológico de solidão.

Eritrofobia: Medo patológico de enrubescer. 2. Aversão patológica à cor vermelha.

Erotofobia: Horror ao ato sexual.

Escopofobia: Receio mórbido de ser visto.

Estasiofobia: Medo mórbido de se pôr de pé.

- F -

Fagofobia: Medo patológico de alimentar-se; sitofobia, sitiofobia.

Filofobia: Medo patológico de fazer amigos.

Fobofobia: Medo mórbido de seus próprios medos.

Fonofobia: Aversão patológica a sons e à fala em tom alto.

Ftiriofobia: Aversão patológica a piolhos.

- G -

Gamofobia: Medo patológico de casamento.

Gefirofobia: (é). Medo patológico de andar em ponte, margem de rio, ou outro local perto de água.

Ginofobia: Aversão ao nu.

Ginecofobia: (é). Aversão patológica a convívio com mulheres; ginofobia.

Grafofobia: Medo patológico de escrever.

- H -

Hafefobia: Receio patológico de tocar, ou de ser tocado.

Heliofobia: (é). Medo patológico da luz solar.

Helmintofobia: Medo patológico de ser infectado por vermes.

Hematofobia: Horror ao sangue.

Herpetofobia: Medo patológico de répteis.

Hialofobia: Medo patológico de vidro.

Hidrofobia: Horror aos líquidos.

Higrofobia: Horror à umidade.

Hipnofobia: 1. Medo de dormir. 2. Terror, ou medo durante o sono.

Hipsofobia: Medo mórbido das alturas.

Hodofobia: Aversão patológica a percorrer caminhos.

Parte superior do formulário

Homofobia: Aversão a homossexuais, ou ao homossexualismo.

- I -

Ictiofobia: Aversão patológica a peixes.

Ideofobia: 1. Medo mórbido de perder a razão. 2. Medo, ou desconfiança de ideia(s).

Iofobia: Medo patológico de venenos.

- J -

Judicofobia: Medo mórbido do julgamento que os outros fazem de nós.

- L -

Lalofobia: Medo mórbido de falar, decorrente, por vezes, de gagueira; logofobia.

Lemofobia: Horror à peste, ou a qualquer doença altamente contagiosa.

Levofobia: Medo mórbido de tudo que se situa do lado esquerdo de quem sofre de tal fobia.

Lissofobia: Medo mórbido de contrair raiva.

Livrofobia: Horror aos livros.

- M -

Maieusofobia: Medo mórbido do parto.

Misofobia: Temor doentio dos contatos, pelo receio de infecção ou contaminação.

Musicofobia: (mú). Aversão à música; melofobia.

- N -

Necrofobia: Horror mórbido à morte.

Nictofobia: Medo doentio da noite, da escuridão.

Nosofobia: Medo de adoecer, que pode levar alguém a tratar-se de doenças de que não sofre.

- O -

Oclofobia: Horror ou aversão à plebe, à multidão.

Odinofobia: Medo patológico de dor.

Ofidiofobia: Medo mórbido de cobras.

Ombrofobia: Medo mórbido de chuvas, temporais e tempestades.

Orofobia: Horror mórbido às montanhas.

- P -

Pacnofobia: Medo patológico de neve; quionofobia.

Pantofobia: Estado de ansiedade que induz o indivíduo a ter medo de tudo; panfobia, panofobia.

Parasitofobia: Medo patológico de parasitas, ou de contrair moléstias parasitárias.

Partenofobia: Medo mórbido de mulher virgem.

Pecatofobia: Medo patológico de pecar; pecatofobia.

Pedofobia: Aversão às crianças.

Pirofobia: Horror doentio ao fogo.

Pnigofobia: Medo mórbido de morrer por asfixia.

Polifobia: Medo patológico de múltiplas coisas.

Ponofobia: Medo patológico de trabalho.

Potamofobia: Medo patológico de rio, de correntes de água.

Proctofobia: Estado de apreensão manifestado em doente com doença anal e/ou retal.

Pseudofobia: Medo mórbido de algo que não causa dor nem molesta, mas apenas desgosta.

Psicrofobia: Medo mórbido de frio.

- Q -

Querofobia: Desgosto ou medo patológico de alegria, de jovialidade.

Quimofobia: Aversão às ondas.

Quinofobia: Medo mórbido da raiva.

- R -

Ritifobia: Medo mórbido de ter rugas.

Rupofobia: Aversão à sujeira ou falta de limpeza que possa causar infecção na pele.

- S -

Semitofobia: Medo mórbido de judeus.

Seplofobia: Aversão à matéria em decomposição.

Sesquipedalofobia: Medo mórbido das palavras compridas.

Sifilofobia: (sí). Medo patológico de ter sífilis.

Socerafobia: Aversão patológica aos sogros.

Sociofobia: (só). Aversão ao que seja relativo ao social.

- T -

Tafofobia: Medo doentio de ser sepultado vivo.

Talassofobia: Medo patológico de mar.

Tanatofobia: Medo patológico da morte, iminente ou não.

Tassofobia: Medo patológico de estar sentado ociosamente.

Taurofobia: Medo patológico de touros.

Teofobia: Temor patológico a Deus, ou deuses.

Teratofobia: 1. Aversão patológica a monstros. 2. Medo patológico de dar à luz um monstro.

Termofobia: Aversão patológica à temperatura elevada.

Tocofobia: Medo patológico de parir.

Topofobia: Medo mórbido de determinados lugares.

- U -

Uiofobia: Aversão aos próprios filhos.

Unatractifobia: Medo mórbido de pessoas feias.

Uranofobia: Aversão ao paraíso.

Urifobia: Medo mórbido de fenômenos paranormais.

Urofobia: Aversão à urina e ao ato de urinar.

- V -

Venustrafobia: Medo mórbido de mulheres bonitas.

Verbofobia: Medo mórbido das palavras.

- X -

Xenofobia: Aversão a pessoas e coisas estrangeiras; xenofobismo. [Antôn.: xenofilia.]

Xantofobia: Aversão à cor amarela, ou mesmo à palavra “amarelo”.

Xerofobia: Medo mórbido de seca, ou aridez.

Xilofobia: Medo mórbido de objetos de madeira, ou bosques.

- Z -

Zelofobia: Aversão ao ciúme.

Zoofobia: Medo mórbido de qualquer animal.

Referências bibliográficas

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário Aurélio.

Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1ª edição, 1975.

O ESTADO DE S. PAULO. Manual de redação e estilo. Organizado e editado por Eduardo Martins. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 1990.

POMBO, José Francisco da Rocha. Dicionário de sinônimos da língua portuguesa. Francisco Alves e Cia., Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte e Aillaud, Alves e Cia., Paris e Portugal, 1914.

SACCONI, Luiz Antonio. Não confunda. Nossa Editora.

SITE da Academia Brasileira de Psicologia e Academia Internacional de Psicologia.

SITE Recanto das Letras.